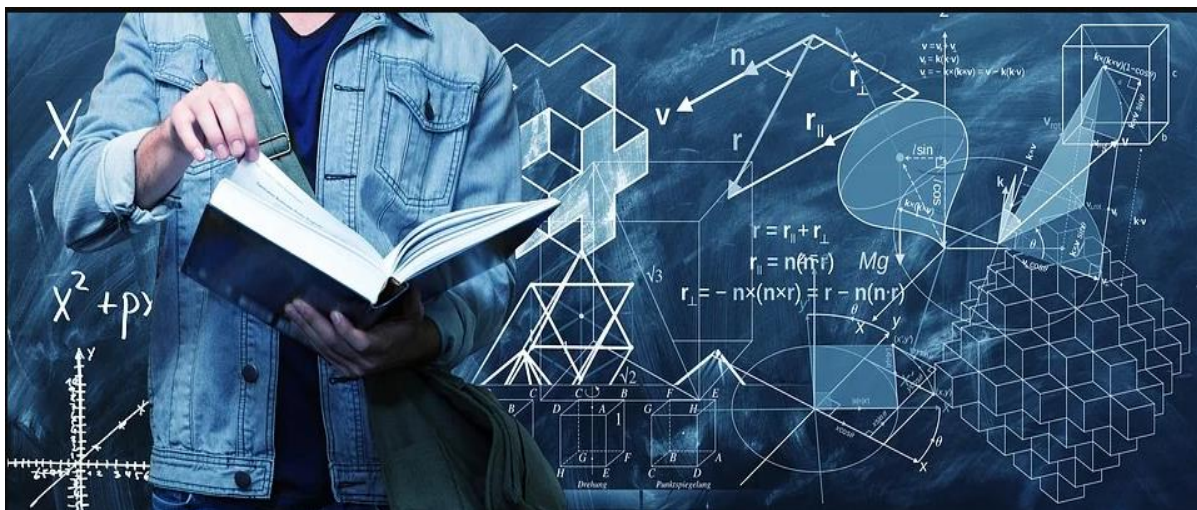


Estudantes à saída do Secundário em 2018/2019



DGEEC | dezembro | 2020

FICHA TÉCNICA

Título

Estudantes à saída do secundário em 2018/2019

Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)
Divisão de Estudos e de Gestão do Acesso a Dados para Investigação (DEGADI)
Observatório dos Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário (OTES)

Equipa

Susana Fernandes (recolha de informação, apuramento de dados e relatório)
Ricardo Santos (cálculo de ponderadores)
Joana Duarte, Patrícia Pereira e Pedro Abrantes (relatório)

Edição

Direção de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)
Av. 24 de Julho, n.º 134
1399-054 Lisboa
Tel.: (+351) 213 949 200
Fax: (+351) 213 957 610
E-mail: dgeec.degadi@dgeec.mec.pt
URL: <http://www.dgeec.mec.pt>

ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO	3
Introdução.....	6
1. Perfil dos alunos	7
1.1 Distribuição por idade, sexo e oferta de educação e formação	7
2. Percorso escolar à saída do secundário	10
2.1 Duração do trajeto escolar.....	10
2.2 Rendimento escolar	15
2.3 Frequência de explicações	19
3. Expetativas escolares à saída do ensino secundário (CCH e CP)	22
3.1 Expetativas gerais dos alunos à saída do secundário	22
3.2 Formação esperada e área de estudo desejada	24
4. Mudança de curso	28
4.1 Alunos que mudaram de curso	28
4.2 Caracterização da mudança.....	30
4.3. As razões da mudança.....	33
4.4 Implicações da mudança.....	34
Anexos	38

SUMÁRIO EXECUTIVO

Estudantes à Saída do Secundário em 2018/2019 apresenta os principais resultados da 8ª edição do inquérito aos alunos do último ano do ensino secundário, incluindo cursos científico-humanísticos, profissionais, artísticos e tecnológicos, nas escolas públicas e privadas de Portugal Continental.

A publicação está organizada em quatro capítulos. O primeiro descreve as características sociodemográficas destes estudantes relativamente a: género, idade e escolaridade dominante da família, numa análise comparativa por oferta de educação e formação. Nos três capítulos seguintes a análise cinge-se aos estudantes que frequentaram os cursos científico-humanísticos e os cursos profissionais, uma vez que representaram a esmagadora maioria dos jovens que concluem o ensino secundário. O segundo capítulo analisa o seu percurso escolar, em termos de duração, desempenho académico e frequência de apoios/explicações. No terceiro capítulo, são abordadas as expectativas escolares à saída do ensino secundário, bem como a formação esperada e a área de estudo desejada no “pós-secundário”. Por último, no quarto capítulo, a análise incide na mudança de curso, sendo caracterizados os estudantes que realizaram essa mudança, as razões da mudança e respetivas implicações no percurso escolar.

Entre os principais resultados destacam-se os seguintes:

A maioria dos estudantes à saída do secundário eram raparigas (51%), com idade igual ou inferior a 17 anos (60%) e frequentavam sobretudo um curso científico-humanístico (63%) ou um curso profissional (34%), sendo residuais as outras ofertas de educação e formação (2%). As raparigas tendem a frequentar os cursos científico-humanísticos (69% face a 58% dos rapazes), enquanto os rapazes os cursos profissionais (40% face a 29% das raparigas). Os “finalistas do secundário” são oriundos de núcleos familiares diversos, sendo próxima a proporção de estudantes cuja escolaridade dominante na família é o 2.º/3.º ciclo de ensino básico (34%), o ensino secundário (31%) e o ensino superior (29%). Aqueles que frequentavam os cursos científico-humanísticos e o ensino artístico especializado pertencem, em média, a famílias mais escolarizadas (71% e 88% com o ensino superior ou secundário, respetivamente).

A maioria dos estudantes (44%) chegaram ao último ano do ensino secundário sem nenhum ano de desvio etário face ao esperado, 34% com um ano de desvio e 23% com dois ou mais anos. Quando se passa para uma análise do desvio etário a partir do momento em que ingressaram no ensino secundário, constata-se que a proporção de estudantes que não apresenta qualquer ano de desvio quase duplica (78%). As reprovações/módulos em atraso (43%) e a mudança de curso (39%) são as razões mais apontadas para o desvio etário no ensino secundário.

A maioria dos estudantes (74%) apresenta um rendimento positivo a todas as disciplinas ou módulos frequentados. Apenas uma minoria alcança médias globais superiores ou iguais a 18 valores, sendo esta situação mais frequente nos cursos científico-humanísticos (10%, face a 3% nos cursos profissionais). Os estudantes que consideram ser muito assíduos foram os que registaram as melhores classificações (51% com uma média global superior a 14 valores). As disciplinas de Português e de Matemática destacaram-se como aquelas que apresentam dificuldades para um maior número de estudantes.

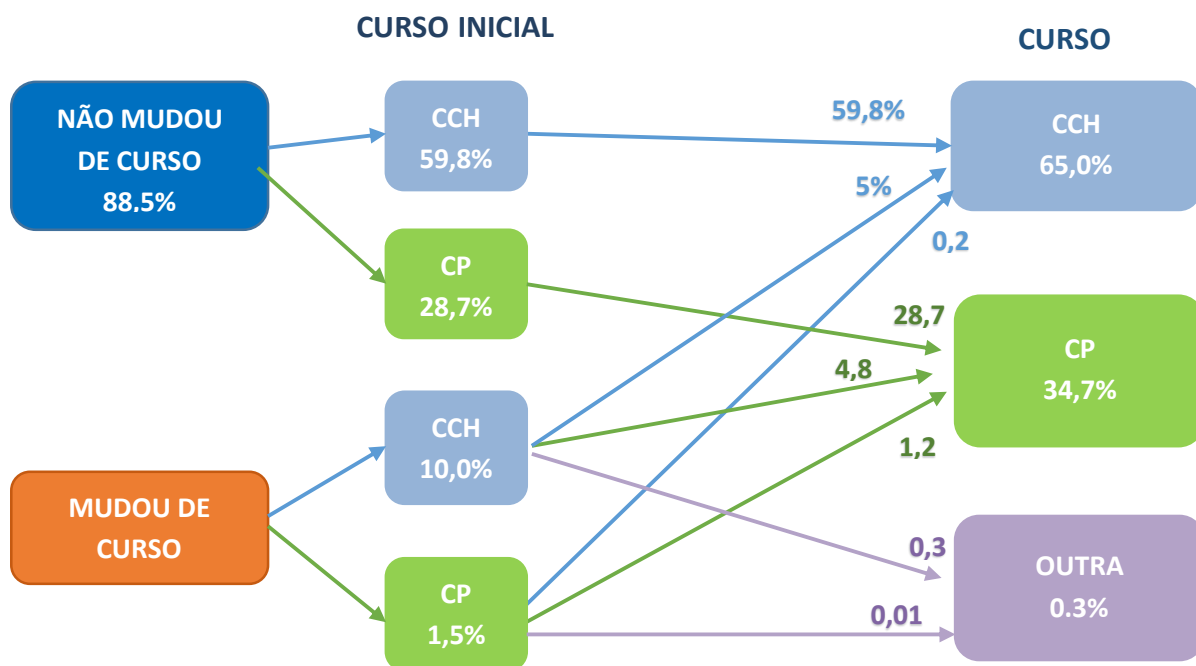
Três quintos dos estudantes não frequentaram explicações ou aulas de apoio no ano letivo 2018/19 e, entre os que frequentaram, a maioria fê-lo fora da escola (29%). As razões mais apontadas para a frequência de explicações são a melhoria de notas baixas (33%), preparação para os exames (26%) e melhoria de notas altas (23%). As explicações foram realizadas sobretudo em casa do explicador (54%) ou num centro de explicações/estudo (42%). Entre os alunos que frequentaram explicações, a Matemática é claramente a área predominante.

A maioria dos estudantes (70%) pretende prosseguir estudos após a conclusão do ensino secundário, proporção que sobe para 87% nos cursos científico-humanísticos. Os estudantes dos cursos profissionais dividem-se equitativamente entre o desejo de prosseguir os estudos e o de ingressar no mercado de trabalho, após o término do curso, sendo comum a expectativa de vir a frequentar um curso TeSP num instituto politécnico (32%). Quanto mais elevadas as classificações no ensino secundário, maiores as expectativas de prosseguimento de estudos superiores.

A área de estudo que os estudantes de ambas as ofertas de educação mais pensavam frequentar no pós-secundário era as ciências sociais, comércio e direito (35% CCH e 22% CP). Aos 30 anos de idade, muitos destes “finalistas” têm como expectativa desempenhar profissões inseridas no grupo dos especialistas das profissões intelectuais e científicas (74% CCH e 38% CP).

A figura A apresenta de forma gráfica as trajetórias destes estudantes ao longo do ensino secundário. 12% dos alunos mudaram de curso e, entre aqueles que não mudaram, 6% gostariam de o ter feito. Se 19% dos “finalistas” dos cursos profissionais transitou de curso no decorrer do ensino secundário, apenas 9% dos que se encontravam a concluir os cursos científico-humanísticos realizou essa transferência. Dos estudantes que desejavam mudar de curso e não o fizeram, 56% explica-o pelo receio de ter de repetir um ano. De facto, 80% daqueles que mudaram de curso tiveram de repetir o ano letivo em causa, 46% não conseguiram equivalências às disciplinas e 34% assumiram que iam reprovar de qualquer forma. Quando se questiona estes alunos que mudaram sobre o grau de satisfação relativamente ao curso frequentado atualmente, 75% estava satisfeito ou muito satisfeito.

Figura A – Trajetos dos estudantes, ao longo do ensino secundário



Introdução

A presente publicação apresenta os resultados definitivos da 8ª edição do inquérito “estudantes à saída do secundário”, que foi aplicado no ano letivo 2018/2019 junto dos alunos que estavam a frequentar o 12.º ano ou equivalente em escolas públicas e privadas de Portugal continental e, pela primeira vez, também na Região Autónoma da Madeira (RAM). Na presente publicação são analisados apenas os dados de Portugal continental.

Este inquérito está inserido no âmbito do Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário (OTES), projeto coordenado pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) que tem como objetivo a monitorização e acompanhamento dos trajetos escolares e profissionais de jovens que frequentam (ou frequentaram) o ensino secundário em Portugal. É reconhecido que o ensino secundário é uma etapa decisiva dos sistemas de educação e formação, composta de múltiplas opções, ao nível das políticas públicas, das estratégias das escolas e dos trajetos dos próprios estudantes. O OTES pretende providenciar informação útil para as decisões nestes diferentes níveis.

Os trajetos escolares dos estudantes do ensino secundário são analisados através de dados provenientes de três inquéritos, em momentos distintos durante o percurso do ensino secundário:

- Inquérito aos Estudantes à Entrada do Secundário – aplicado aos alunos matriculados no 10.º ano dos cursos científico-humanísticos, no 10.º ano dos cursos tecnológicos, no 1.º ano dos cursos profissionais e no 10.º ano do ensino artístico especializado;
- Inquérito aos Estudantes à Saída do Secundário – aplicado aos alunos matriculados no 12.º ano dos cursos científico-humanísticos, 12.º ano dos cursos tecnológicos, 3.º ano dos cursos profissionais e 12.º ano do ensino artístico especializado;
- Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário – aplicado aos jovens que compunham a coorte inicial catorze meses após a conclusão esperada do 12.º ano ou equivalente.

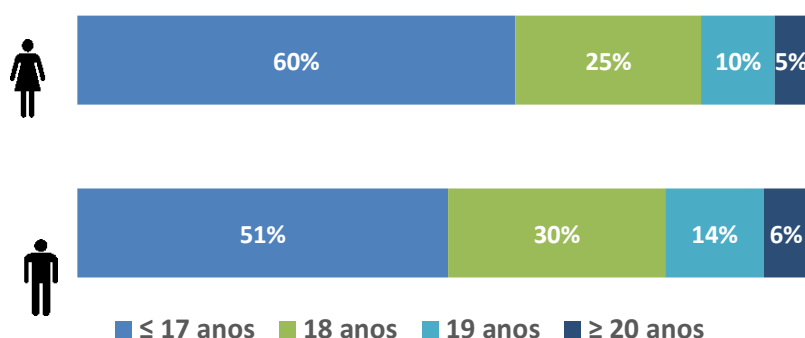
A presente publicação centra-se na análise dos principais resultados do inquérito realizado entre março e setembro de 2019 aos estudantes à saída do secundário e tem, por isso, como referência o ano letivo 2018/19. Este inquérito pretende conhecer os alunos que frequentaram o 12.º ano (ou equivalente), recolhendo informação de contexto socioeconómico, desempenhos académicos, motivações associadas às opções escolares, mudanças de curso e/ou escola, expectativas escolares e profissionais.

1. Perfil dos alunos

1.1 Distribuição por idade, sexo e oferta de educação e formação

No ano letivo 2018/19, os alunos que frequentavam o 12.º ano ou equivalente eram maioritariamente raparigas (51%) e, com idade igual ou inferior a 17 anos (60%), ou seja, evidenciando não apresentar desvios em relação à idade esperada¹ de frequência do 12.º ano ou equivalente. Os desvios em relação à idade esperada de frequência, que se podem dever a situações de reprovação, de interrupção ou de mudança de curso, eram mais visíveis entre os rapazes (figura 1.1.1).

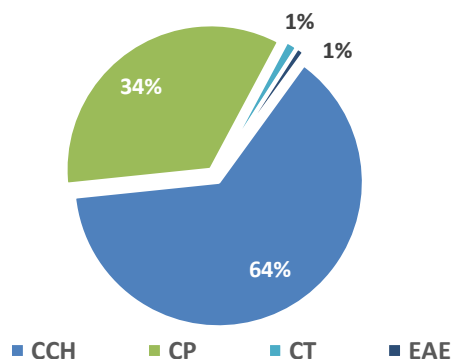
Figura 1.1.1 – Estudantes, por sexo e idade



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

64% destes estudantes frequentavam um curso científico-humanístico (CCH) e 34% um curso profissional (CP). Apenas 2% dos estudantes frequentavam outras ofertas de educação e formação, 1% os cursos tecnológicos (CT) e 1% o ensino artístico especializado (EAE) (figura 1.1.2).

Figura 1.1.2 – Estudantes, por oferta de educação e formação frequentada



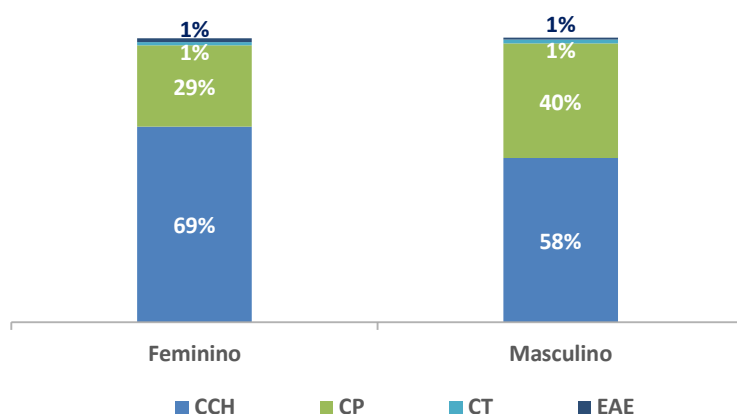
Nota: CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CT – Cursos Tecnológicos, EAE – Ensino Artístico Especializado

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

¹ Idade mais frequente para os alunos frequentarem um determinado ano.

Em termos percentuais, existe uma presença mais forte das raparigas nos cursos científico-humanísticos (mais 11 pontos percentuais do que os rapazes). Por outro lado, a presença dos rapazes era maioritária nos cursos profissionais (40% face a 29% das raparigas). As restantes ofertas de educação e formação registaram um valor residual de cerca de 2%, tanto para os rapazes como para as raparigas (figura 1.1.3).

Figura 1.1.3 – Estudantes, por oferta de educação e formação e sexo

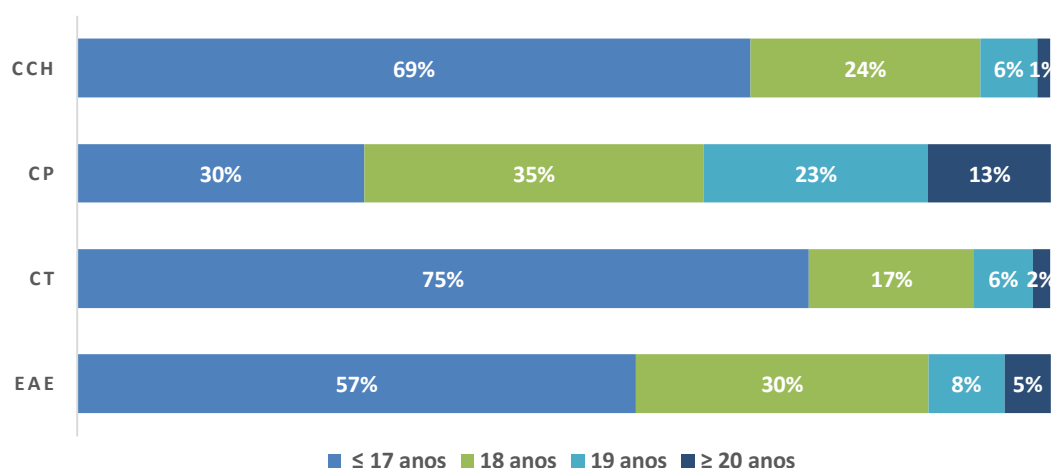


Nota: CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CT – Cursos Tecnológicos, EAE – Ensino Artístico Especializado

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Os estudantes que frequentaram os cursos científico-humanísticos, cursos tecnológicos e ensino artístico especializado eram, em média, mais novos, estando sobretudo na faixa etária igual ou inferior a 17 anos. Por outro lado, os alunos dos cursos profissionais tinham, na sua maioria, uma idade igual ou superior a 18 anos (70%) (figura 1.1.4).

Figura 1.1.4 – Estudantes, por oferta de educação e formação e idade

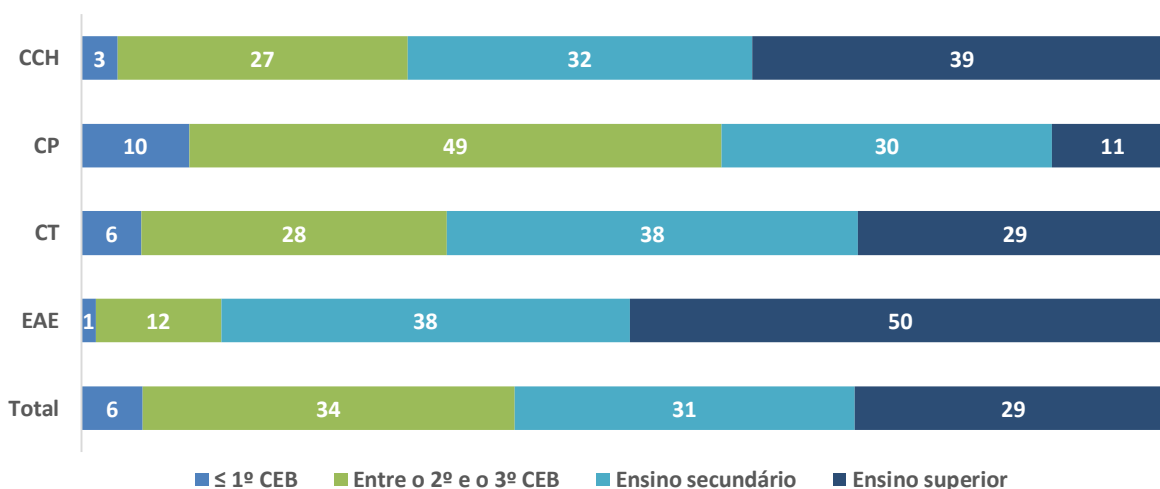


Nota: CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CT – Cursos Tecnológicos, EAE – Ensino Artístico Especializado

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Estes estudantes pertenciam sobretudo a núcleos familiares com o ensino secundário (31%), com o 2.º e 3.º ciclo de ensino básico (CEB) (34%) ou com o ensino superior (29%) (figura 1.1.5). Aqueles que frequentavam os cursos científico-humanísticos (71%), o ensino artístico especializado (88%), e os cursos tecnológicos (67%) pertenciam a famílias mais escolarizadas (com o ensino superior ou secundário). Numa situação diferente estavam os estudantes que frequentavam os cursos profissionais, cujas famílias, maioritariamente, possuíam habilitações escolares iguais ou inferiores ao 3.º CEB (59%).

Figura 1.1.5. – Estudantes, por oferta de educação e formação e nível de escolaridade dominante na família



Nota: CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CT – Cursos Tecnológicos, EAE – Ensino Artístico Especializado.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

As análises dos próximos capítulos, recaem somente sobre os estudantes dos cursos científico-humanísticos e cursos profissionais, ofertas que representam 98% dos estudantes analisados.

2. Percurso escolar à saída do secundário

Entre os estudantes no último ano do ensino secundário, a esmagadora maioria (98%) frequentavam cursos científico humanísticos ou profissionais (figura 1.1.2), razão pela qual os próximos capítulos desta publicação se centrarão sobretudo na análise dos percursos escolares dos estudantes destas duas modalidades de ensino. Como foram os seus trajetos até ao momento de inquirição? Qual foi o desempenho escolar nas várias disciplinas? Será o contexto familiar diferenciador no desempenho e nos percursos dos estudantes? são algumas das questões que pretendemos dar resposta nesta análise.

Para conhecer o desempenho escolar dos estudantes à saída do ensino secundário, analisou-se o nível de rendimento escolar ao longo do secundário e a duração do trajeto escolar. A duração do trajeto escolar foi analisado a dois níveis: 1) desde o início do ensino básico até ao momento da inquirição²: 12.º ano no caso dos estudantes dos cursos científico-humanísticos e 3.º ano no caso dos cursos profissionais e 2) desde o início do ensino secundário, ou seja, 10.º ao 12.º ano no caso dos estudantes dos cursos científico-humanísticos e 1.º ao 3.º ano no caso dos estudantes dos cursos profissionais, até ao momento da resposta ao inquérito³.

2.1 Duração do trajeto escolar

A idade dos alunos ao concluírem o ensino secundário é um indicador importante sobre a duração/desvios dos seus percursos escolares. Os alunos que concluem com idades acima da idade dos 18 anos, medida a 31 de dezembro de 2018, apresentam um desvio face à idade esperada de conclusão, devido a diferentes situações, nomeadamente: retenção, interrupção de estudos ou mudança de curso durante os seus percursos no ensino básico ou secundário. Como decorreram os seus trajetos escolares até ao ensino secundário é o que nos propomos analisar de seguida.

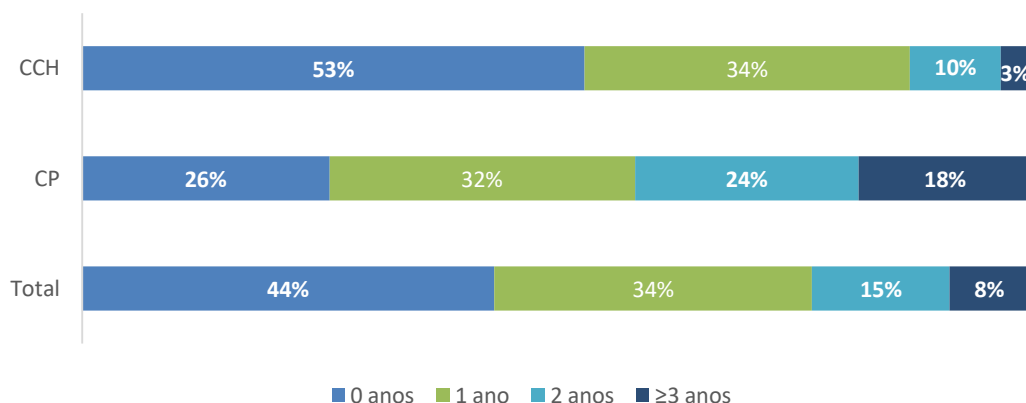
No ano letivo 2018/19, a maioria dos estudantes (44%) fizeram um trajeto escolar até ao ensino secundário sem nenhum ano de desvio, 34% tiveram um ano de desvio e 23% tiveram dois ou mais anos de desvio. Por oferta de educação e formação, verificou-se que foram os estudantes dos cursos científico-humanísticos que tiveram um percurso mais linear, sem desvios (53% face aos 26% dos alunos dos cursos profissionais). Cerca de um terço, em ambas as ofertas, apresentavam um ano de desvio e

² O desvio etário no percurso escolar do 1.º ano até ao 12.º ano ou equivalente, tem por base a idade de entrada no 1.º ciclo e a idade a 31 de dezembro de 2018.

³ O desvio etário no percurso escolar do início do secundário até ao 12.º ano ou equivalente, tem por base a idade esperada de entrada no 10.º ano ou equivalente (com base na idade de entrada no 1.º ciclo), e a idade a 31 de dezembro de 2018.

quem apresentou dois ou mais anos, foram sobretudo os estudantes dos cursos profissionais (42% face aos 13% dos cursos científico-humanísticos) (figura 2.1.1).

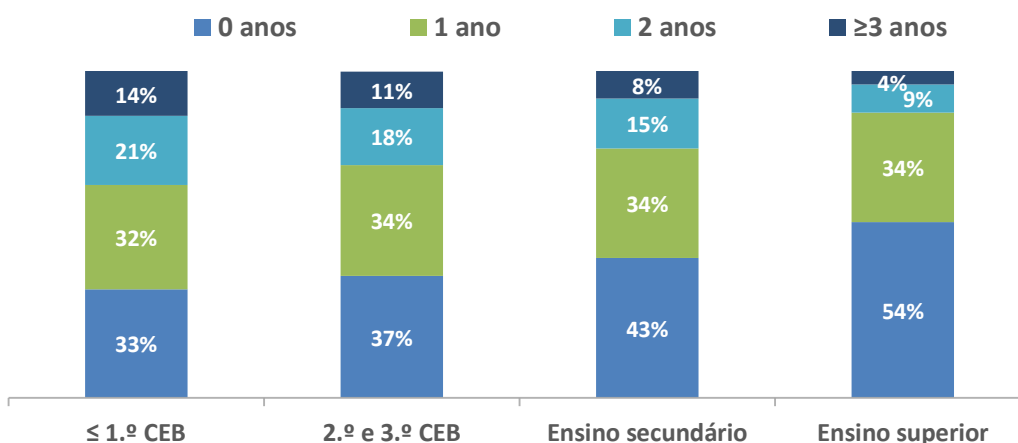
Figura 2.1.1 – Estudantes, por número de anos de desvio etário no trajeto escolar



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

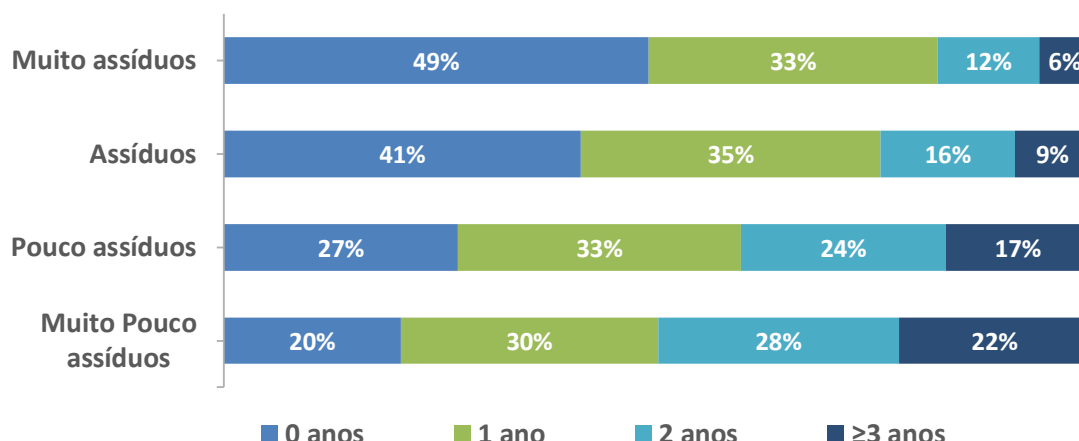
Existe alguma relação entre a escolaridade dominante da família dos estudantes e os anos de desvio nos trajetos escolares dos estudantes, verificando-se que quanto mais elevada é a escolaridade da família, menor é o desvio etário nos trajetos escolares dos jovens (54% dos estudantes com 17 anos de idade pertenciam a famílias com o ensino superior, este número desce para 33%, para os estudantes cujas famílias têm escolaridade igual ou inferior ao 1.º CEB (figura 2.1.2)

Figura 2.1.2 - Estudantes, por nível de escolaridade dominante na família e número de anos de desvio etário no trajeto escolar



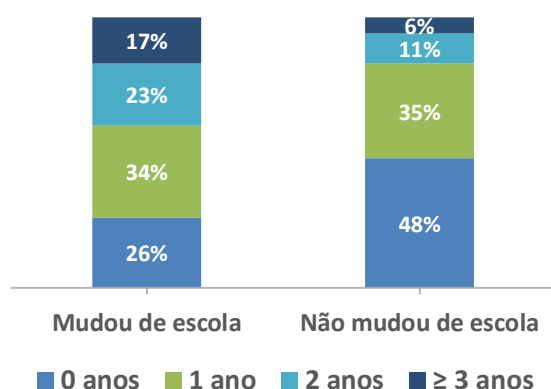
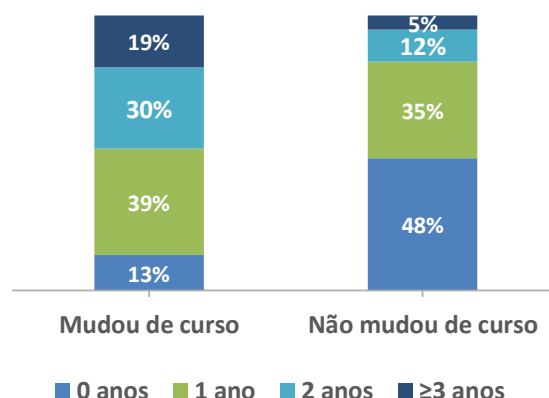
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Os alunos que concluem o ensino secundário na idade esperada apresentam níveis de assiduidade superiores. Dito por outras palavras, quanto maior o desvio etário, maiores probabilidades de os alunos faltarem às aulas no último ano do ensino secundário (figura 2.1.3).

Figura 2.1.3 - Estudantes, por nível de assiduidade durante o secundário e número de anos de desvio etário no trajeto escolar

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Outro aspeto relevante para a existência de desvio etário no trajeto escolar, foi a mudança de escola: 74% dos estudantes que se transferiram de escola no ensino secundário têm, pelo menos, um ano de desvio, enquanto que esta proporção baixa para 52% entre os estudantes que não o fizeram. Esta situação é ainda mais marcante relativamente às mudanças de curso: 87% dos estudantes que transitam de curso apresentaram pelo menos um ano de desvio etário (figuras 2.1.4 e 2.1.5).

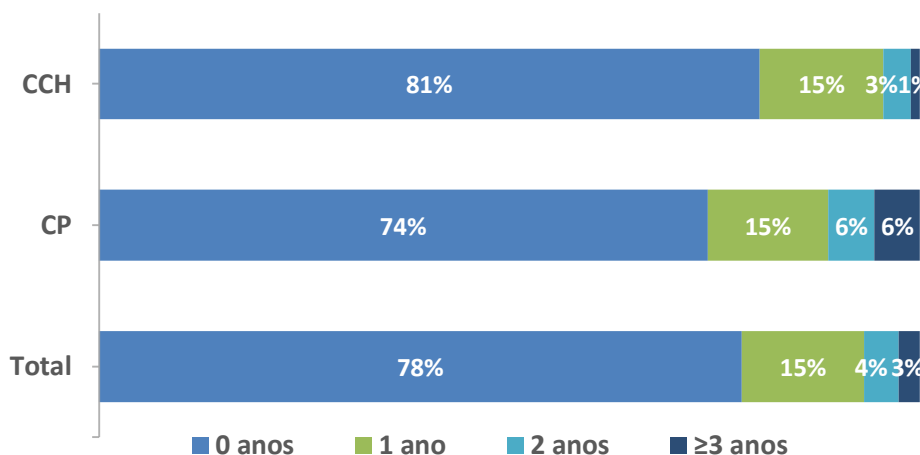
Figura 2.1.4 - Estudantes, por número de anos de desvio etário no trajeto escolar e mudança de escola durante o secundário**Figura 2.1.5 - Estudantes, por número de anos de desvio etário no trajeto escolar e mudança de curso durante o secundário**

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Analisando apenas o trajeto escolar durante o secundário, verificou-se que a proporção de estudantes a concluir o ensino secundário três anos após ter ingressado (tempo esperado) quase duplica, face aos valores registrados para todo o percurso de escolaridade (78% face a 44%, respetivamente). Por oferta de educação e formação, os estudantes que não apresentavam qualquer desvio etário durante o

secundário foram superiores nos alunos dos cursos científico-humanísticos em 7 p.p. face aos estudantes dos cursos profissionais (81% e 74% respetivamente) (figura 2.1.6).

Figura 2.1.6 – Estudantes, por número de anos de desvio etário no trajeto escolar no secundário



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

À semelhança do que acontece nos anos de desvio desde o ensino básico, também no trajeto durante o ensino secundário existe uma relação com a mudança de escola e, principalmente, com a mudança de curso, verificando-se que a esmagadora maioria dos estudantes que não realizaram qualquer mudança (escola ou curso) não apresentavam desvio etário no trajeto escolar. Pelo contrário, a maioria daqueles que mudaram de escola e/ou de curso já se encontram no ensino secundário há mais de três anos (53% e 75%, respetivamente) (figura 2.1.7 e 2.1.8).

Figura 2.1.7 - Estudantes, por número de anos de desvio etário no trajeto escolar e mudança de escola durante o secundário

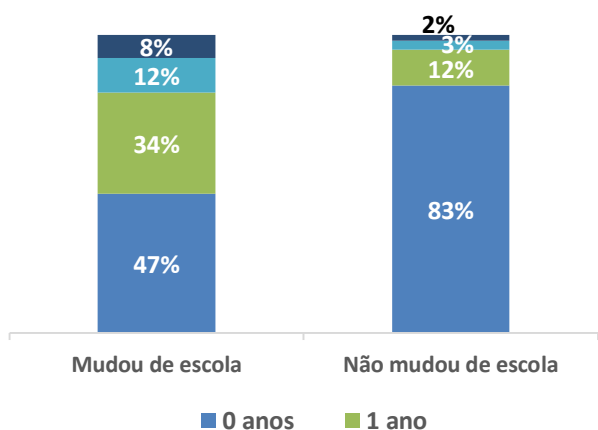
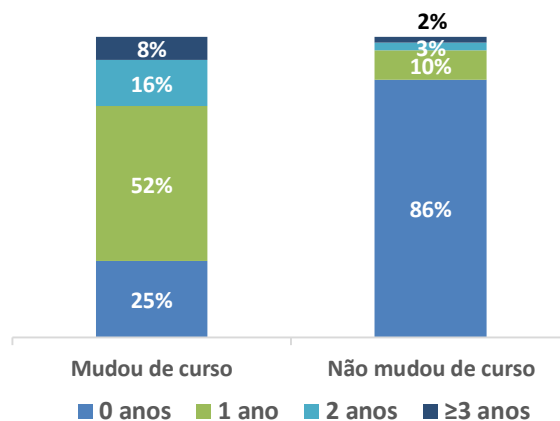


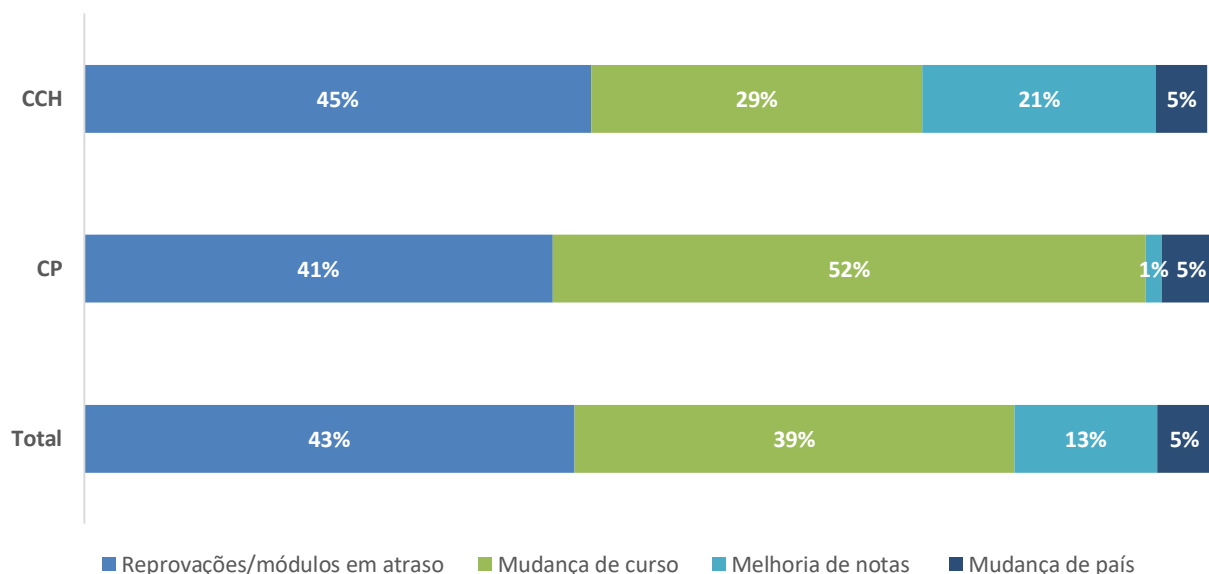
Figura 2.1.8 - Estudantes, por número de anos de desvio etário no trajeto escolar e mudança de curso durante o secundário



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Sem surpresas, as principais razões apontadas pelos estudantes para o desvio etário durante o ensino secundário foram a reprovação ou ter módulos em atraso (43%) e a mudança de curso (39%). Sendo que, nos estudantes dos cursos profissionais, a mudança de curso foi mesmo o motivo mais indicado (52%). Nos estudantes dos cursos científico-humanísticos, a melhoria de notas também foi um motivo com alguma expressão (21%) (figura 2.1.9).

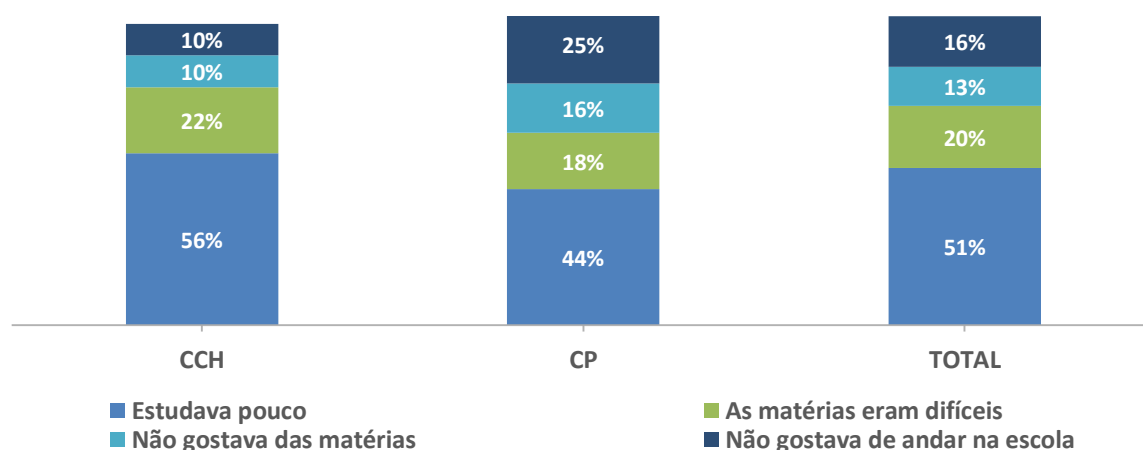
Figura 2.1.9 – Estudantes, por principais razões para o desvio etário durante o ensino secundário



Nota: Pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Figura 2.1.10 – Estudantes, por principais razões para terem reprovado ou terem disciplinas/módulos em atraso



Nota: Pergunta de resposta múltipla.

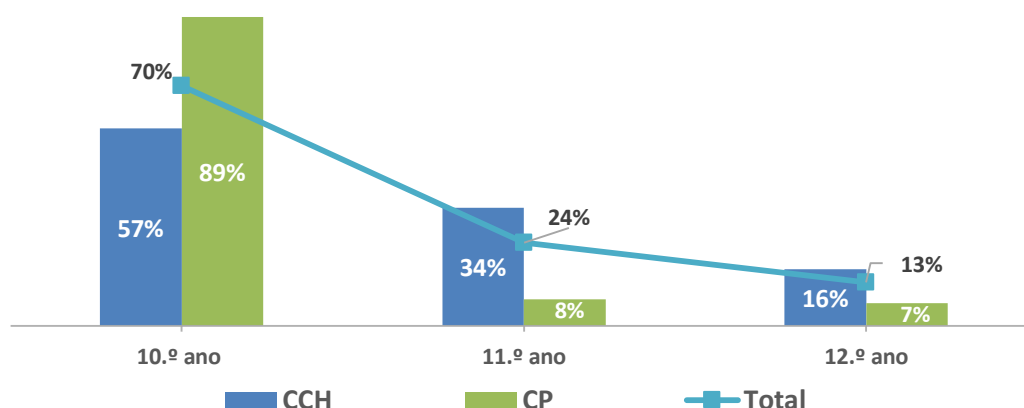
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Para os alunos que indicaram ter reprovado ou terem disciplinas/módulos em atraso, a razão mais apontada pelos estudantes foi o facto de estudarem pouco (56% dos cursos científico-humanísticos e

44% nos cursos profissionais). Como segunda razão mais apontada, os alunos dos cursos científico-humanísticos indicaram a dificuldade das matérias (22%), enquanto aqueles que frequentavam os cursos profissionais assinalaram o facto de não gostarem de andar na escola (25%) (figura 2.1.10).

Daquelles que reprovaram, o ano indicado com maior número de reprovações foi o 10.º ano (70%), com maior destaque para os alunos dos cursos profissionais (89%) face aos alunos dos cursos científico-humanísticos (57%) (figura 2.1.11).

Figura 2.1.11 – Estudantes, por ano escolar da reprovação ou dos módulos em atraso



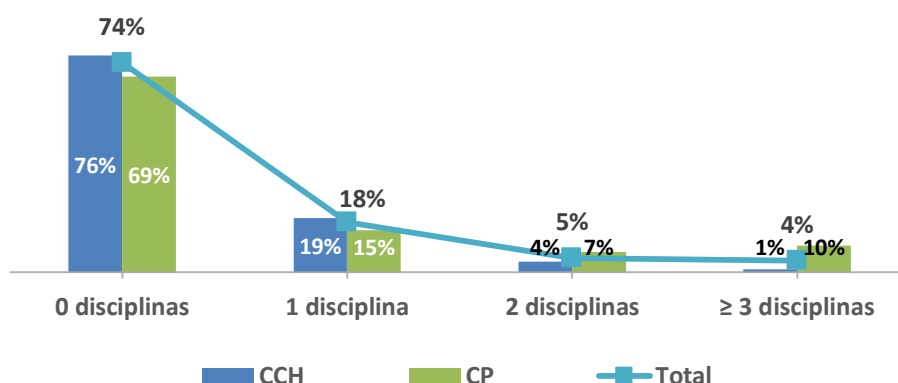
Nota: Pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

2.2 Rendimento escolar

A média das classificações no ensino secundário assume uma grande importância na vida dos estudantes e, em particular, para aqueles que pretendem prosseguir os estudos. Relativamente ao rendimento escolar global dos alunos às disciplinas de português, matemática e línguas estrangeiras, no momento da inquirição cerca de 74% dos estudantes tinham tido um rendimento positivo a todas as disciplinas ou módulos frequentados, proporção que se reduz nos cursos profissionais (figura 2.2.1).

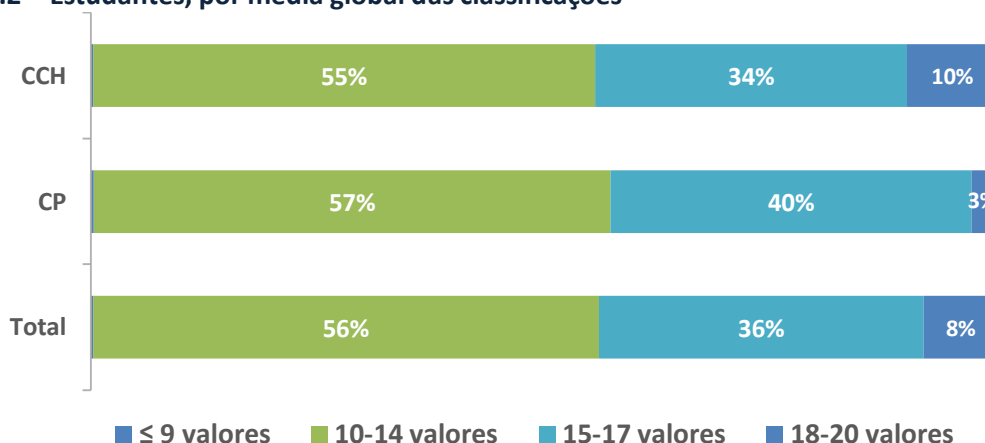
Figura 2.2.1 – Estudantes, por nº de disciplinas ou módulos com um nível de rendimento escolar insuficiente



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

No que diz respeito à média global das classificações obtidas pelos estudantes no último momento de avaliação, constata-se que as médias mais elevadas – superiores ou iguais a 18 valores – são mais frequentes entre aos estudantes que frequentavam cursos científico-humanísticos (10% face a 3% dos cursos profissionais), enquanto as médias entre 15 a 17 valores foram mais obtidas pelos que frequentavam um curso profissional (40% face a 34%) (figura 2.2.2).

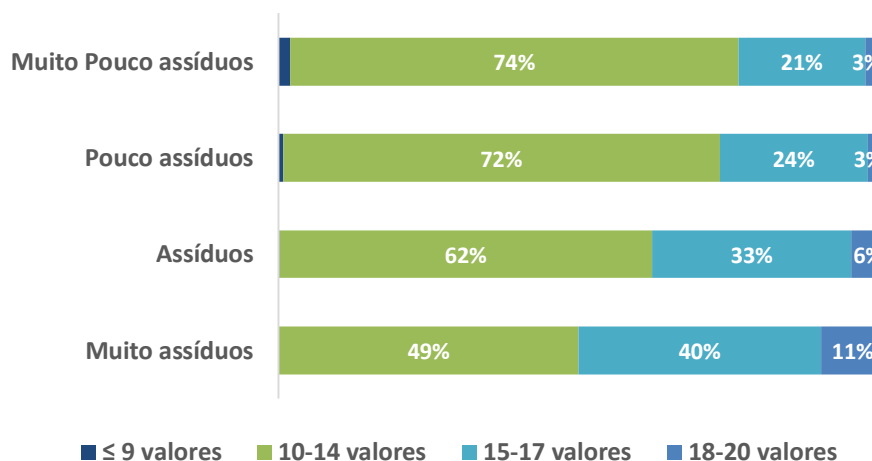
Figura 2.2.2 – Estudantes, por média global das classificações



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Foram os estudantes que se classificaram como muito assíduos que registaram as melhores classificações (51% tiveram classificações superiores ou iguais a 15 valores), enquanto a larga maioria dos que se classificaram como muito pouco assíduos ou pouco assíduos tiveram uma média global entre 10 e 14 valores (figura 2.2.3).

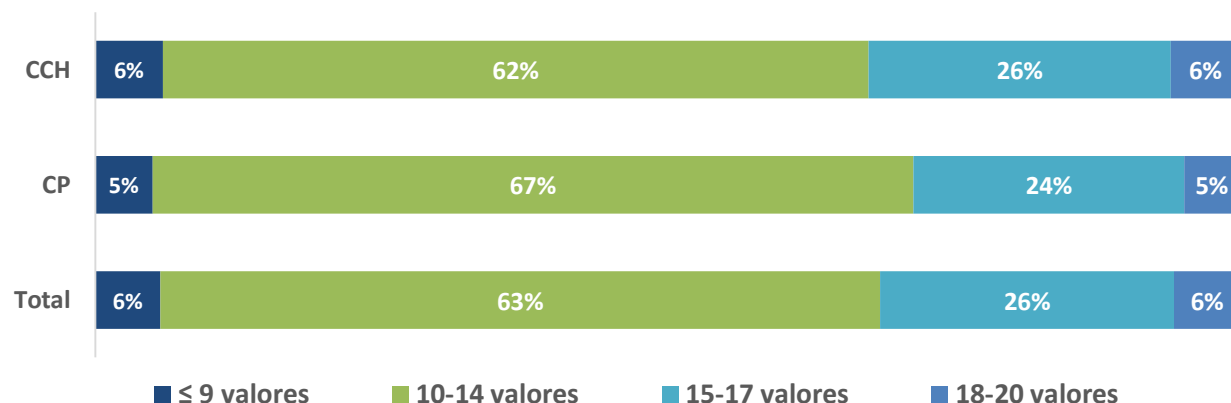
Figura 2.2.3 - Estudantes, por nível de assiduidade no secundário e média global das classificações no último momento de avaliação



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Para compreender melhor o rendimento escolar dos estudantes, analisou-se o rendimento a algumas disciplinas nucleares do ensino secundário, tais como o português, a língua estrangeira e a matemática. Importa referir que as línguas estrangeiras disponíveis no plano curricular dos cursos científico-humanísticos e nos cursos profissionais são o inglês, o francês, o espanhol, o alemão e, mais recentemente, também o mandarim⁴.

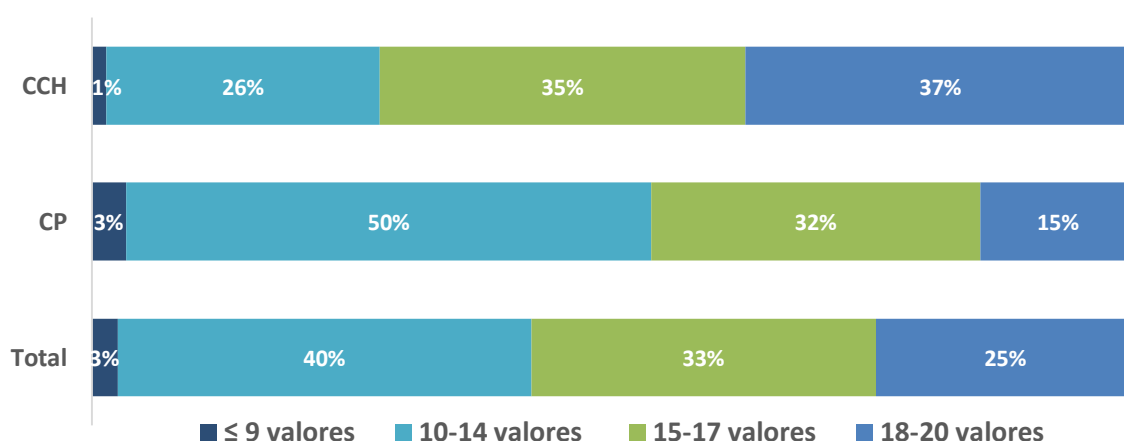
Figura 2.2.4 – Estudantes, por nível de rendimento à disciplina de português



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Na disciplina de português, a maioria dos estudantes obteve um nível de rendimento entre os 10 e os 14 valores (63%) e 26% entre os 15 e os 17 valores (Figura 2.2.4). A distribuição é semelhante quando se diferencia por oferta de educação e formação. Relativamente às classificações negativas, 6% tiveram classificações iguais ou inferiores a 9 valores.

Figura 2.2.5 – Estudantes, por nível de rendimento à disciplina de língua estrangeira

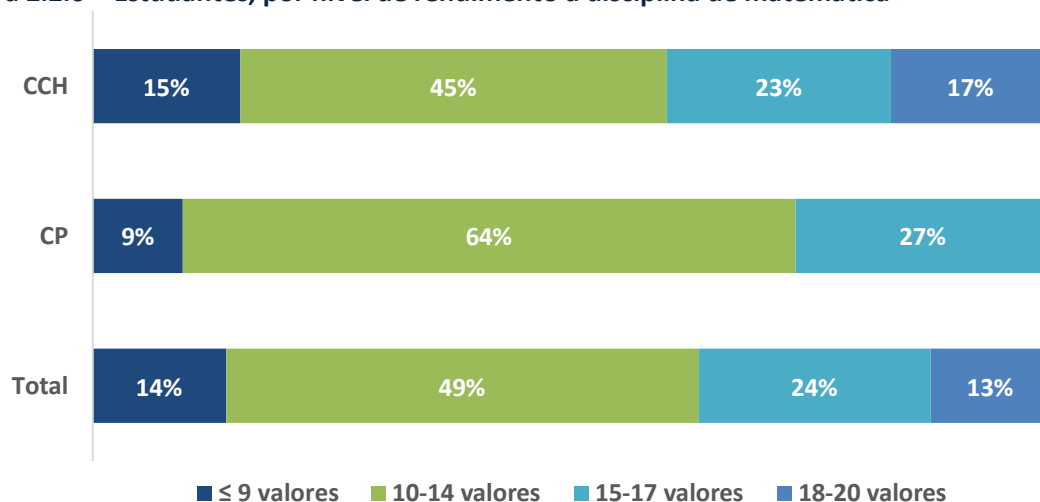


Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

⁴ A oferta do mandarim como língua estrangeira foi introduzida nos currículos apenas no ano letivo 2015/16, em 12 escolas do ensino público e apenas nos cursos científico-humanísticos (Despacho n.º 7031-A/2015).

Na disciplina de língua estrangeira, a distribuição é mais diferenciada. Os alunos dos cursos científico-humanísticos foram os que tiveram um rendimento mais elevado, cerca de 72% com uma classificação igual ou superior a 15 valores. Os estudantes que frequentavam cursos profissionais revelaram ter mais dificuldades, 50% tiveram uma classificação entre os 10 e os 14 valores e 3% tiveram mesmo um rendimento negativo (figura 2.2.5).

Figura 2.2.6 – Estudantes, por nível de rendimento à disciplina de matemática

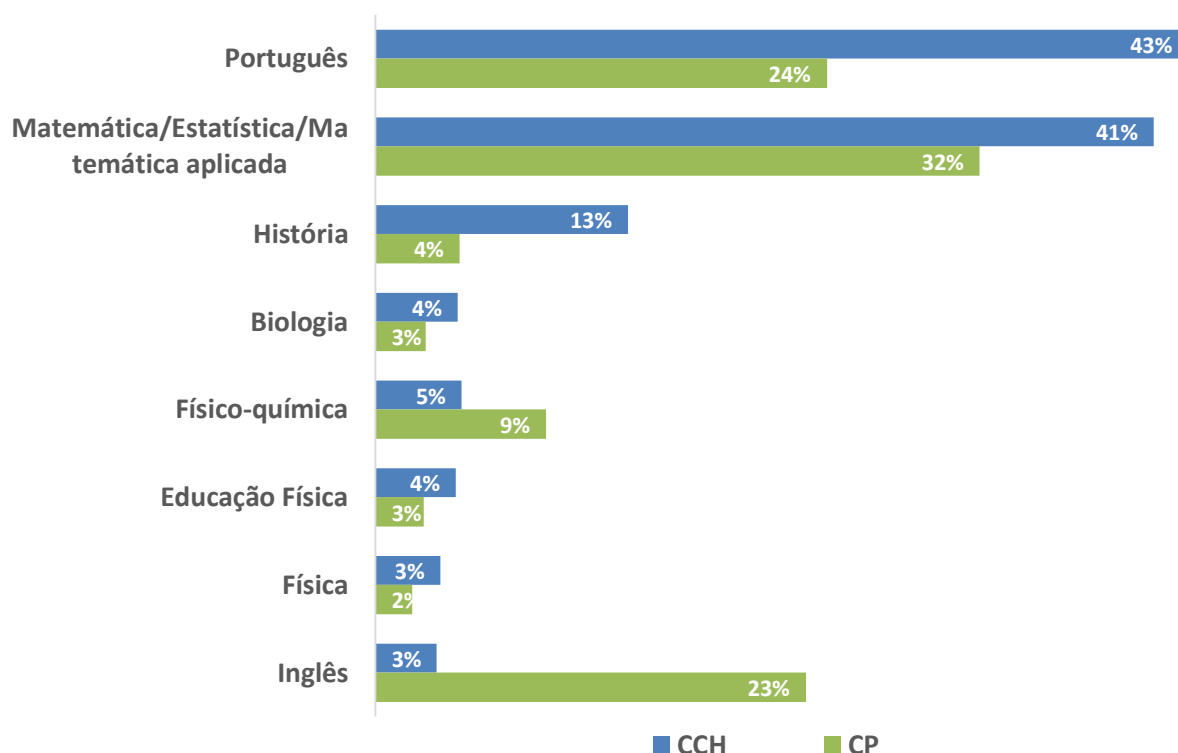


Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Na disciplina de matemática, 14% dos estudantes apresentavam um rendimento negativo, valor superior às restantes disciplinas analisadas. Esta proporção foi maior para os estudantes que frequentavam os cursos científico-humanísticos (15%) face aos alunos dos cursos profissionais (9%), sendo importante assinalar que os currículos são distintos. Por seu lado, a percentagem de alunos com classificações elevadas a esta disciplina era também superior nos cursos científico-humanísticos, ao passo que os cursos profissionais se destacam por uma concentração maior nas classificações entre os 10 e os 14 valores (figura 2.2.6).

O português e matemática foram as disciplinas apontadas pelos estudantes com mais dificuldades ao longo do ano letivo, sendo a matemática a mais referida pelos alunos dos cursos profissionais (32%). Os alunos dos cursos científico-humanísticos referiram tanto a disciplina de português (43%) como a de matemática (41%). A disciplina de História foi principalmente referida pelos alunos dos cursos científico-humanísticos (13%), e a de inglês (23%) e de físico-química (9%) foram as mais mencionadas pelos alunos dos cursos profissionais (figura 2.2.7).

Figura 2.2.7 – Estudantes, por disciplina com maior grau de dificuldade



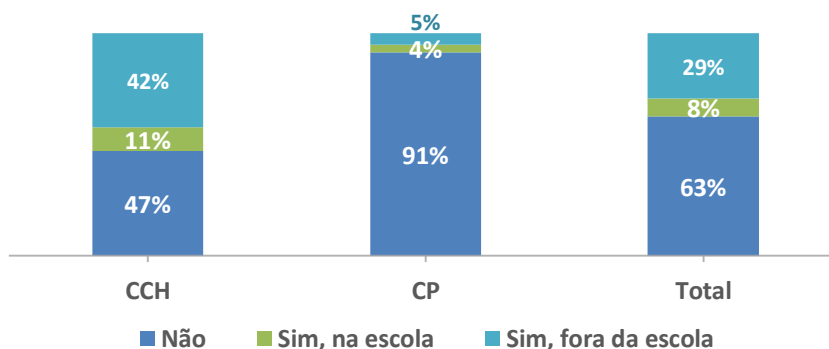
Nota: Pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

2.3 Frequência de explicações

47% dos estudantes do 12.º ou equivalente, não frequentaram explicações ou aulas de apoio no ano letivo 2018/19, e aqueles que frequentaram, a maioria fê-lo fora da escola (29%). Foram os estudantes dos cursos científico-humanísticos que frequentaram mais explicações (53% face a 9% dos cursos profissionais), principalmente fora da escola (42% dos cursos científico-humanísticos e 5% dos cursos profissionais) (figura 2.3.1). Foram principalmente os alunos do ensino público (41% face a 25% do ensino privado) e as raparigas (40%, mais 5 p.p. do que os rapazes).

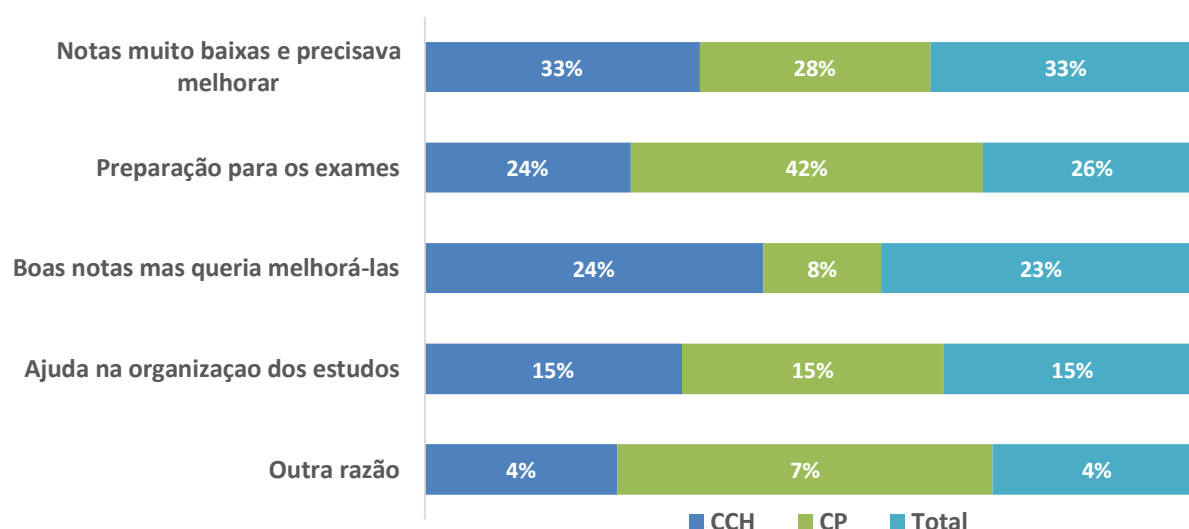
Figura 2.3.1 – Estudantes, por frequência de explicações ou aulas de apoio



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

A melhoria de notas baixas (33%), preparação para os exames (26%) e a melhoria de notas altas (23%) foram os principais motivos apontados para a frequência de explicações. A preparação para os exames foi a razão mais apontada pelos alunos dos cursos profissionais (42% face aos 24% dos cursos científico-humanísticos) e a melhoria de boas notas foi principalmente apontada pelos alunos dos cursos científico-humanísticos (24%) mais 16 p.p. do que os alunos dos cursos profissionais (figura 2.3.2).

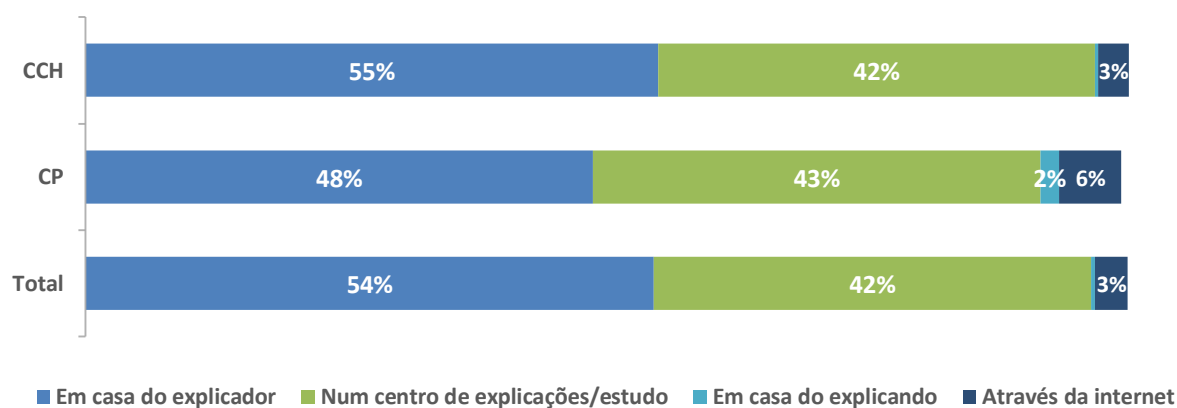
Figura 2.3.2 – Estudantes, por principais motivos para a frequência de explicações



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

As explicações foram realizadas sobretudo em casa do explicador (54%) ou num centro de explicações /estudo (42%), não havendo diferenças significativas por oferta de educação e formação (figura 2.3.3).

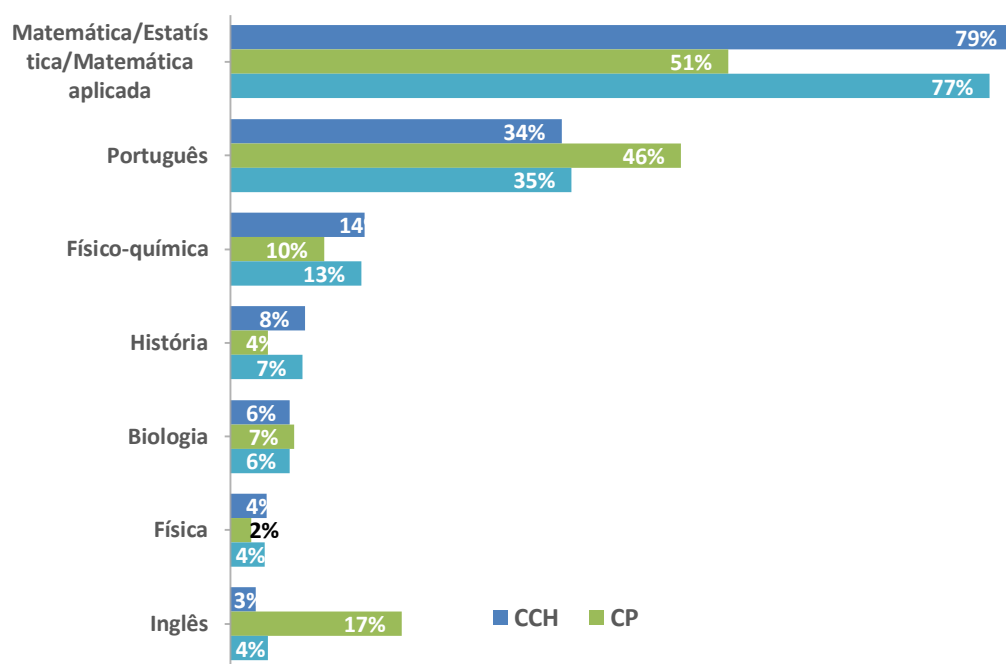
Figura 2.3.3 – Estudantes, por local das explicações (realizadas fora da escola)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Do total de alunos que frequentaram explicações no ano letivo de 2018/19, as disciplinas de Matemática/Estatística/Matemática aplicada foram as aquelas com maior número de explicações (77%), seguindo-se o Português (35%) e a Físico-Química (13%). Os alunos dos cursos científico-humanísticos procuraram mais explicações à disciplina de Matemática (79% mais 28 p.p. do que os alunos dos cursos profissionais). Por outro lado, as explicações às disciplinas de Português e Inglês foram as mais procuradas pelos alunos dos cursos profissionais (46% e 17% respetivamente) (figura 2.3.4).

Figura 2.3.4 – Estudantes que tiveram explicações, por disciplinas a que tiveram explicações (%)



Nota: Pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

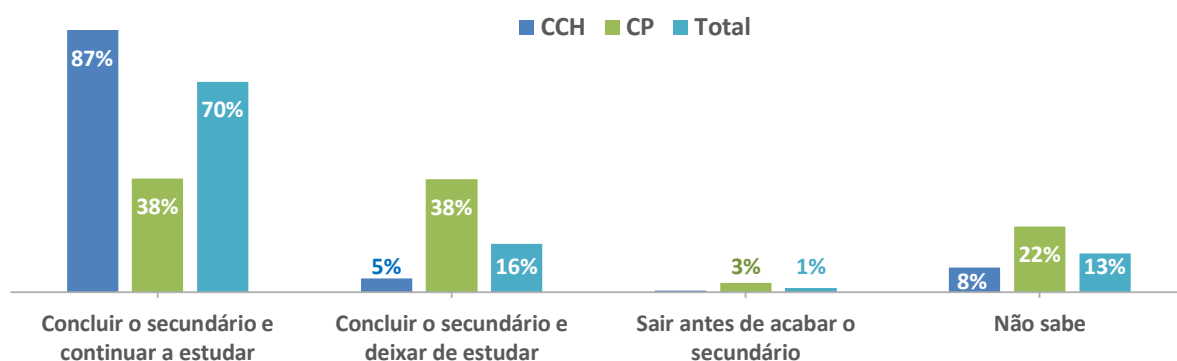
3. Expetativas escolares à saída do ensino secundário (CCH e CP)

Neste capítulo pretende-se conhecer quais as aspirações dos alunos a finalizar o ensino secundário relativamente ao seu percurso escolar e futuro profissional, que apoios tiveram na escolha da formação pós-secundária.

3.1 Expetativas gerais dos alunos à saída do secundário

Uma grande parte dos estudantes pretendem concluir o ensino secundário e continuar a estudar (70%), de forma mais inequívoca nos estudantes dos cursos científico-humanísticos (87%) do que nos estudantes dos cursos profissionais (38%). Concluir o ensino secundário e deixar de estudar é a segunda opção mais tomada pelos estudantes dos cursos profissionais (38%). Sair antes da conclusão do ensino secundário é opção para 1% dos estudantes (figura 3.1.1).

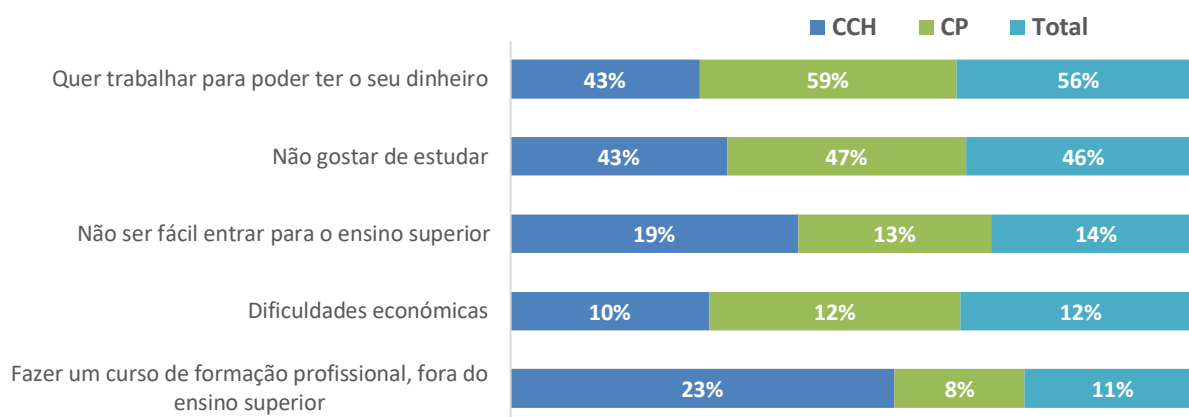
Figura 3.1.1 – Estudantes, por expetativas de percurso escolar



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Conseguir um trabalho para ter autonomia financeira (56%) e não gostar de estudar (46%) foram os dois principais motivos apontados pelos jovens que pensavam não prosseguir estudos, após a conclusão do ensino secundário. O desejo de autonomia financeira foi mais apontado pelos estudantes dos cursos profissionais, enquanto o facto de não gostarem de estudar foi a razão apontada pelos estudantes dos dois cursos em proporção quase idêntica. É interessante que uma parte considerável dos alunos, sobretudo nos cursos científico-humanísticos, não pretende prosseguir estudos superiores para realizar um curso profissional. Os constrangimentos económicos e a dificuldade em aceder ao ensino superior foram fatores assinalados por uma pequena proporção de alunos, em qualquer das vias de ensino (figura 3.1.2).

Figura 3.1.2 – Estudantes, por principais razões para não prosseguir estudos após a conclusão do secundário

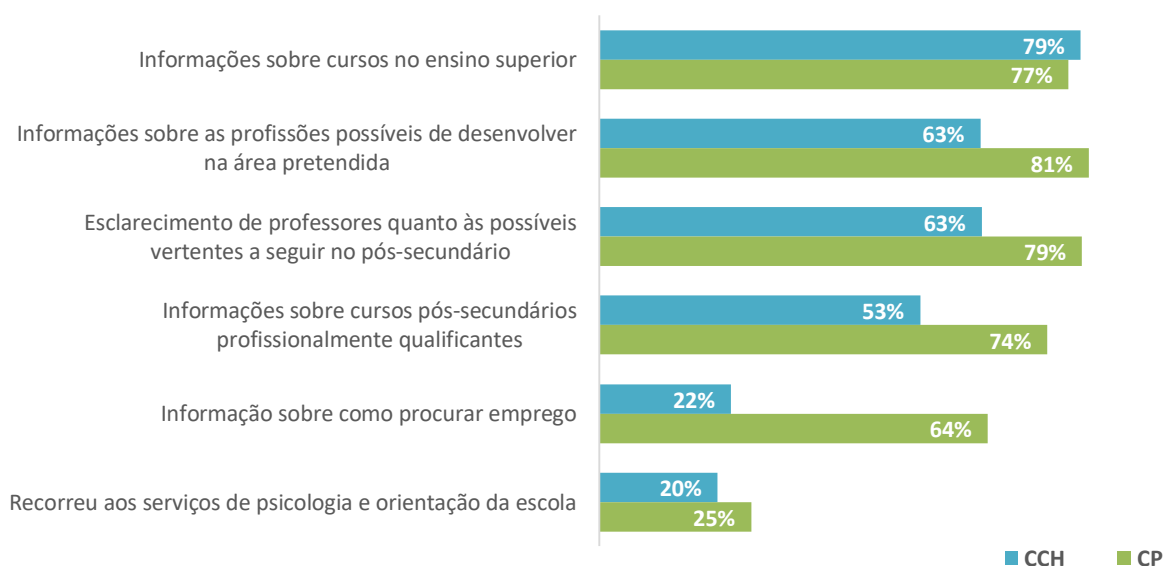


Nota: Pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

O tipo de apoio que procuraram foi principalmente informação sobre cursos no ensino superior (cerca de 80% nos estudantes dos dois cursos), profissões possíveis na área pretendida (81% dos alunos nos cursos profissionais e a 63% nos cursos científico-humanísticos) e esclarecimento por parte dos professores quanto às possíveis “saídas” no pós-secundário (79% nos cursos profissionais e 63% nos cursos científico-humanísticos). Os serviços de psicologia e orientação da escola foram o apoio menos procurado pelos estudantes, tendo tido maior procura, ainda que ligeira, entre os estudantes dos cursos profissionais (25%, mais 5 p.p. do que os estudantes dos cursos científico-humanísticos) (figura 3.1.3).

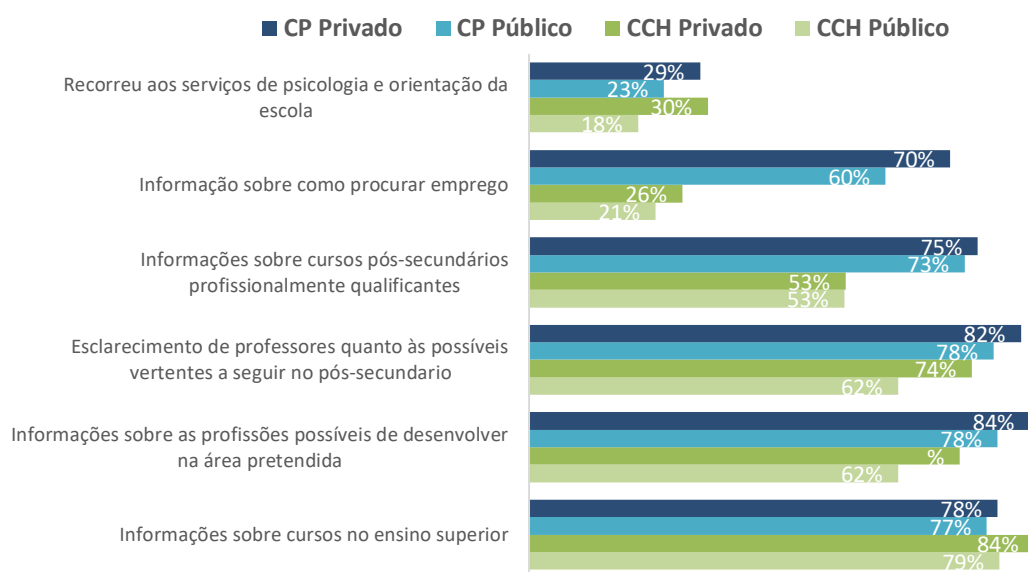
Figura 3.1.3 – Estudantes que tiveram apoio, por tipo de apoio da escola no esclarecimento sobre formação pós-secundária



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Os estudantes dos cursos profissionalmente qualificantes, independentemente da natureza do estabelecimento de ensino, são os que mais buscam informação sobre como procurar emprego e sobre cursos pós-secundários profissionalmente qualificantes. Por seu lado, a larga maioria dos estudantes busca informação sobre cursos no ensino superior, independentemente do curso (figura 3.1.4).

Figura 3.1.4 – Estudantes, por natureza do estabelecimento de ensino, tipo de certificação e apoio da escola no esclarecimento sobre formação pós-secundária

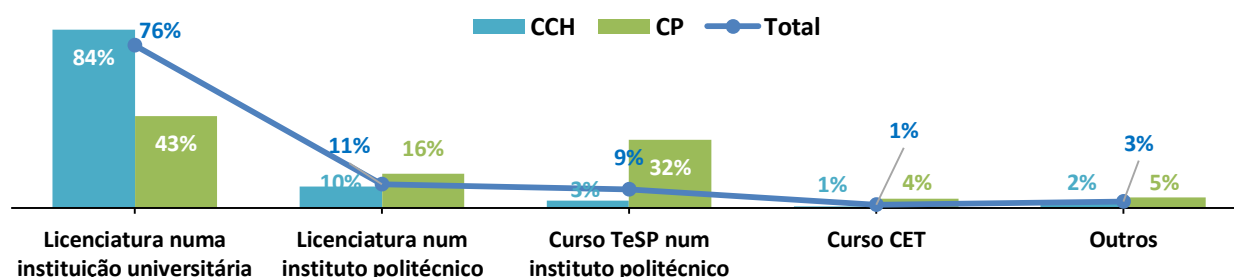


Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

3.2 Formação esperada e área de estudo desejada

Dos estudantes que pretendiam prosseguir estudos após conclusão do ensino secundário, 76% tinham como principal expectativa a frequência de uma licenciatura numa instituição universitária. Contudo, essa expectativa era mais hegemónica nos estudantes dos cursos científico-humanísticos. Os estudantes dos cursos profissionais eram os que mais esperavam frequentar um curso TeSP (32%) ou uma licenciatura (16%) num instituto politécnico (figura 3.2.1).

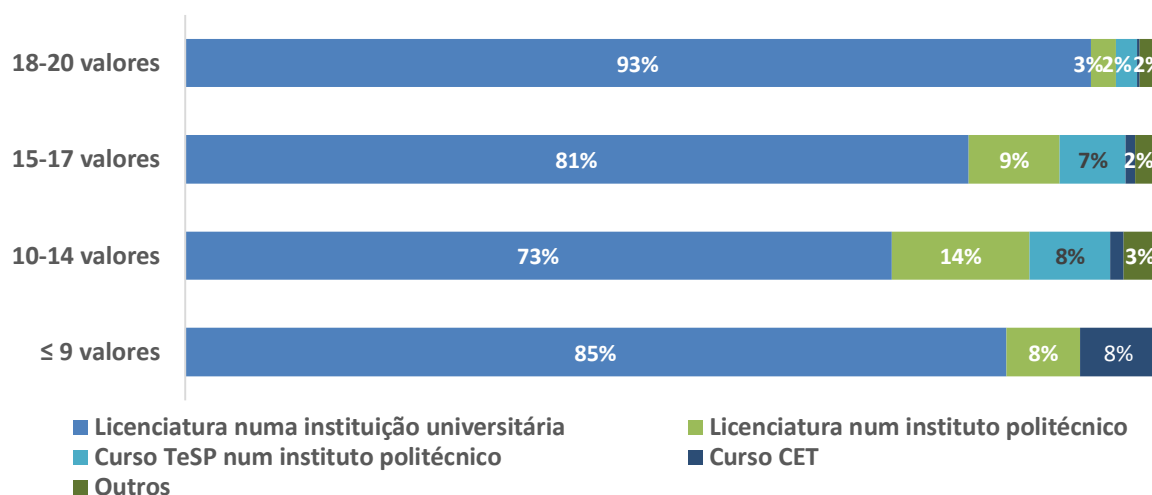
Figura 3.2.1 - Estudantes, por formação esperada no pós-secundário (%)



Nota: TeSP – Curso técnico superior profissional; CET – Curso de especialização tecnológica
 Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

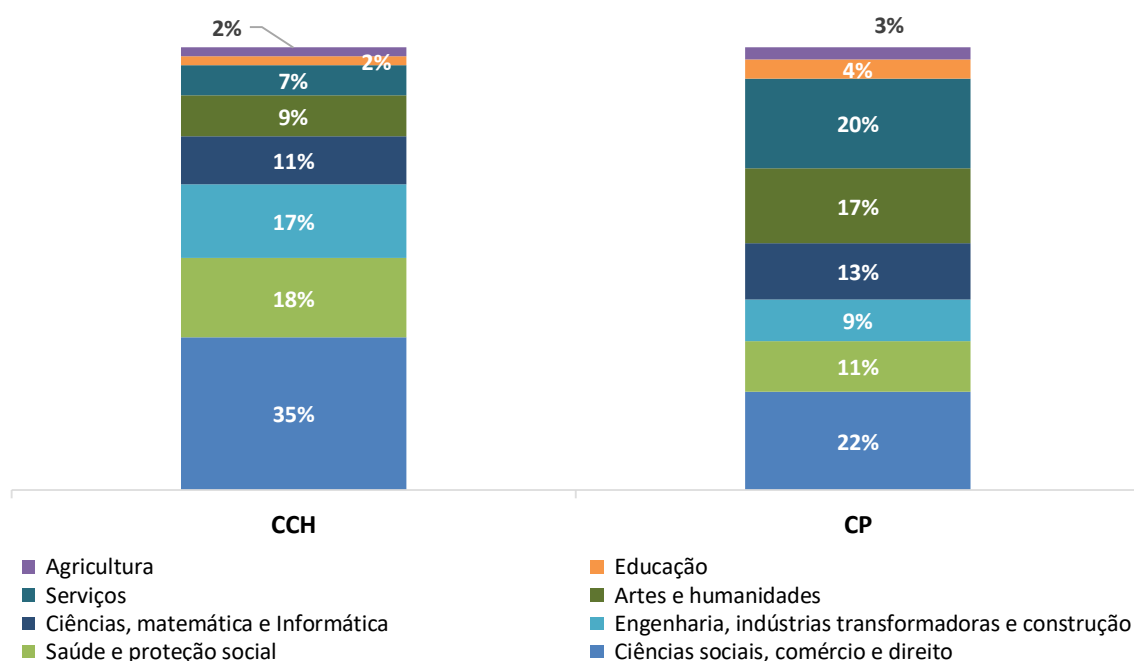
A generalidade dos alunos com médias mais elevadas (iguais ou superiores a 18 valores), no último momento de avaliação, desejavam ir para uma licenciatura numa instituição universitária (93%). Entre aqueles que indicaram ter classificações mais baixas, embora a maioria aspirasse também a frequentar uma licenciatura numa instituição universitária, a proporção dos que pretendiam ingressar numa licenciatura e, em particular, num curso TeSP do ensino politécnico, é bastante maior (figura 3.2.2).

Figura 3.2.2 – Estudantes, por média global das classificações no último momento de avaliações e formação esperada no pós-secundário



Nota: TeSP – Curso técnico superior profissional; CET – Curso de especialização tecnológica
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Figura 3.2.3 – Estudantes dos CCH e CP, por área de estudo ou formação pretendida



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Relativamente às áreas de estudo que os estudantes pensavam frequentar no pós-secundário, destacam-se as ciências sociais, comércio e direito (35% dos alunos nos cursos científico-humanísticos e 22% dos alunos dos cursos profissionais). Em seguida, as áreas da saúde e proteção social (18%) e engenharia, indústrias transformadoras e construção (17%), eram as mais pretendidas pelos estudantes dos cursos científico-humanísticos, sendo a área dos serviços (20%) e artes e humanidades (17%) as mais pretendidas pelos estudantes dos cursos profissionais (figura 3.2.3).

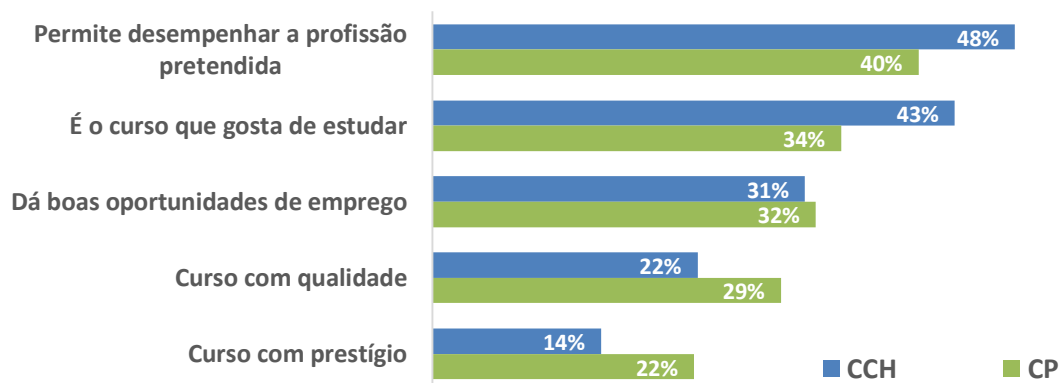
A média global das classificações dos alunos também se evidencia como elemento diferenciador na escolha dos cursos. Quanto mais elevada a média global das classificações, mais os estudantes se orientam para as áreas da saúde e proteção social ou de engenharia, indústrias transformadoras e construção, o que não surpreende visto serem também áreas em que as classificações médias de acesso têm sido mais elevadas (quadro 3.2.1).

Quadro 3.2.1 – Estudantes dos CCH e CP, por área de estudo ou formação pretendida e média global das classificações no último momento de avaliação (%)

Área de estudo	≤ 9 valores	10-14 valores	15-17 valores	18-20 valores
Ciências sociais, comércio e direito	50	34	33	23
Serviços	21	13	6	1
Engenharia, indústrias transformadoras e construção	10	12	18	26
Artes e humanidades	10	11	12	6
Saúde e proteção social	10	15	15	31
Educação	-	3	2	0
Ciências, matemática e Informática	-	10	12	11
Agricultura	-	2	2	1

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Figura 3.2.4 – Estudantes, por principais razões para a escolha da área de formação/curso pretendida



Nota: Pergunta de resposta múltipla.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Desempenhar a profissão desejada, ser o curso que gostariam de estudar, oferecer boas oportunidades de emprego e, a qualidade do curso foram as razões mais apontadas pelos estudantes. Com exceção dos motivos “permite desempenhar a profissão pretendida” e “ser um curso que gostam de estudar”, as restantes razões foram sempre mais referidas pelos estudantes dos cursos profissionais (figura 3.2.4).

As expetativas profissionais futuras dos alunos, tomando como referência os 30 anos de idade, incidiram principalmente no grupo profissional relativo aos “especialistas das profissões intelectuais e científicas” (74% dos cursos científico-humanísticos e 38% dos cursos profissionais). Uma parte dos alunos inscritos em cursos profissionais também esperavam ser “técnicos e profissionais de nível intermédio” (21%) e “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (17%) (quadro 3.2.2).

Quadro 3.2.2 – Estudantes dos CCH e CP, por expetativa profissional¹ aos 30 anos de idade (%)

GRANDE GRUPO PROFISSIONAL DO JOVEM	CCH	CP
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos	8	8
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	74	38
Técnicos e profissionais de nível intermédio	11	21
Pessoal administrativo	1	3
Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	5	17
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	0	1
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	1	7
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	0	2
Trabalhadores não qualificados	1	3

Nota: ¹ Classificação portuguesa das profissões (CPP2010), ao nível do Grande Grupo.
Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

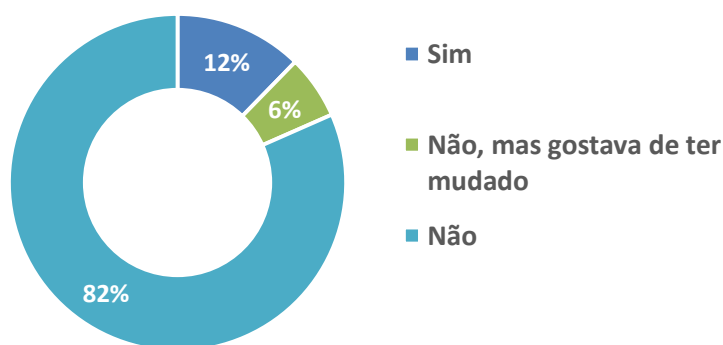
4. Mudança de curso

Uma mudança pressupõe uma alteração de um estado ou de uma situação anterior para um estado ou situação futuros, podendo acontecer por razões inesperadas ou por razões planeadas. Durante o ensino secundário, o desejo de mudança está muitas vezes associado a uma transferência de curso e/ou de escola. Neste capítulo, analisa-se a mudança de curso e/ou modalidade de ensino durante o trajeto no secundário, com vista a compreender melhor este fenómeno. Quantos se mantêm nos mesmo cursos? Quantos transitam? E, entre os que mudam, quantos se mantêm em cursos científico-humanísticos, quantos mudam para cursos profissionalmente qualificantes (CPQ)? Além da dimensão destes fluxos, valerá a pena conhecer os perfis de quem muda, quais os trajetos destes estudantes e as suas motivações, quais eram as suas expetativas e que apoio tiveram na escolha do curso.

4.1 Alunos que mudaram de curso

No ano letivo 2018/19, 12% dos alunos mudaram de curso durante o ensino secundário e, entre aqueles que não mudaram, 6% gostariam de o ter feito (figura 4.1.1). Foram principalmente os rapazes que efetivaram uma mudança de curso durante o ensino secundário (54% face a 47% das raparigas), bem como os estudantes mais novos, com idade igual ou inferior a 18 anos (64%).

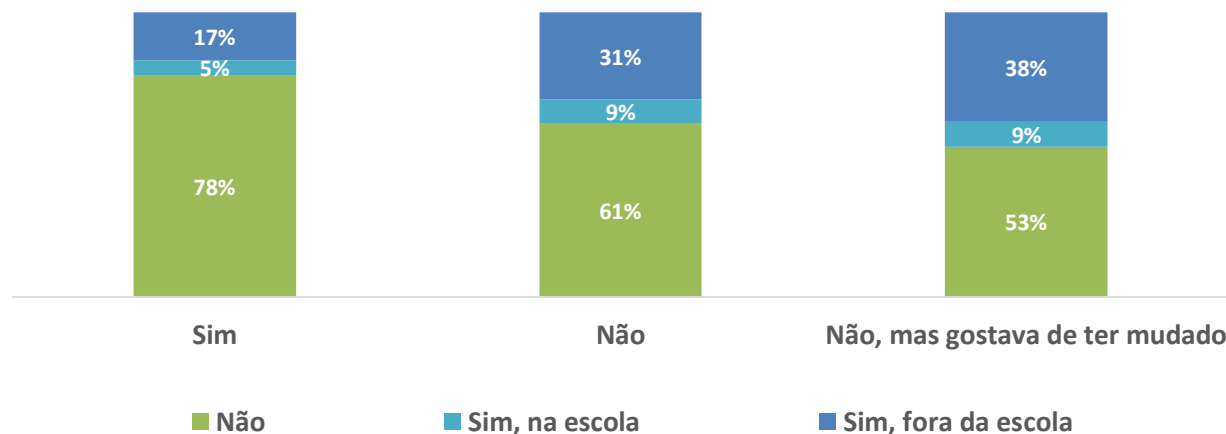
Figura 4.1.1 – Estudantes dos CCH e CP, por mudança de curso durante o ensino secundário



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Analisando a frequência de explicações e de aulas de apoio, percebe-se que cerca de $\frac{3}{4}$ dos estudantes que mudaram de curso não recorreram a explicações durante o ano letivo em causa (78% face a 53% dos que se mantiveram no mesmo curso), o que não deixa de surpreender, visto que estes recursos poderiam justificar-se mais em casos em que os alunos alteraram o seu projeto escolar (figura 4.1.2).

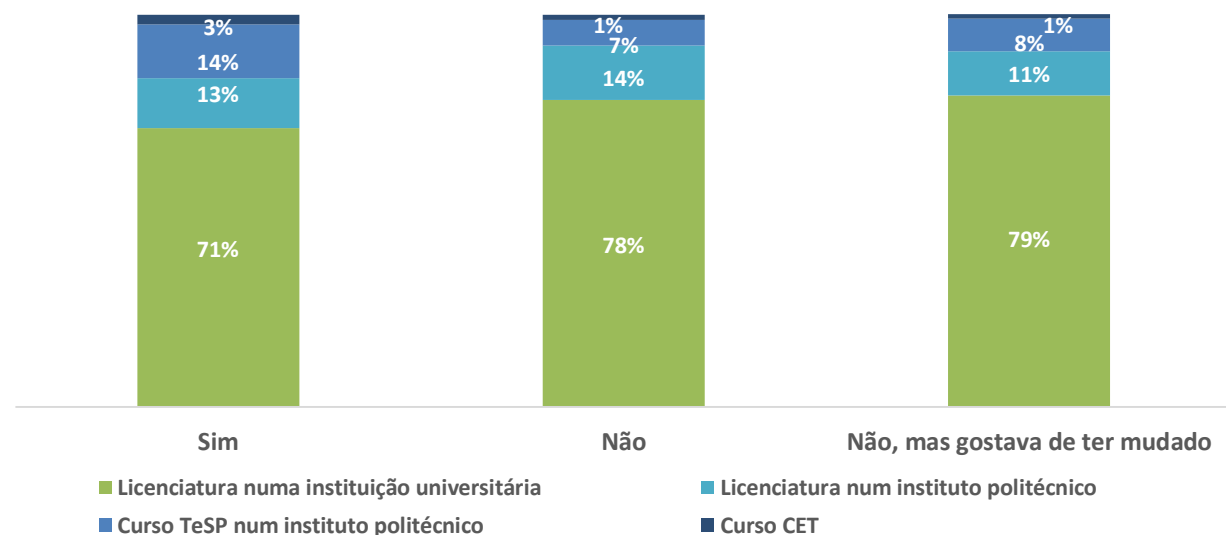
Figura 4.1.2 – Estudantes, por mudança de curso durante o ensino secundário e frequência de explicações



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Os estudantes que mudaram de curso, apesar de considerarem maioritariamente fazer uma licenciatura numa instituição universitária (71%), são os que mais mencionam vir a frequentar um curso TeSP num instituto politécnico (14% face a 7% face aos que não mudam de curso) após concluírem o ensino secundário (Figura 4.1.3).

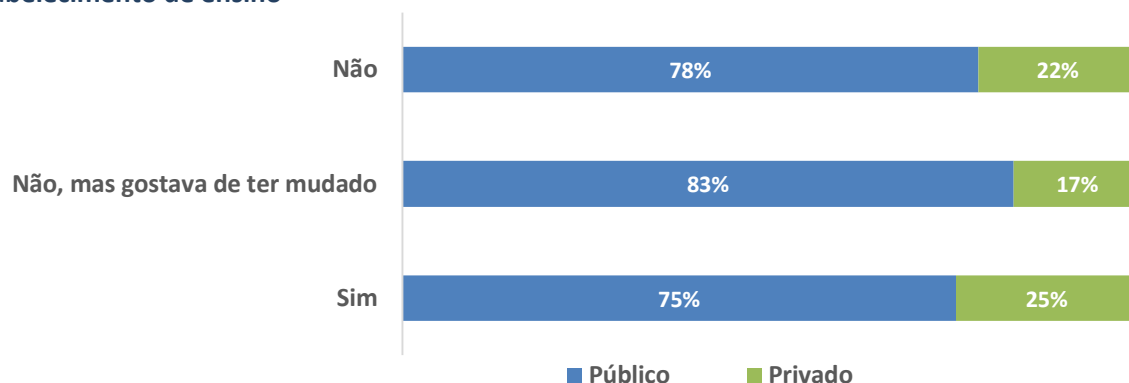
Figura 4.1.3 – Estudantes, por mudança de curso durante o ensino secundário e formação esperada no pós-secundário



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Estes estudantes que mudaram de curso estavam inscritos sobretudo em escolas públicas (75% face a 25% dos alunos inscritos em escolas privadas) (figura 4.1.4).

Figura 4.1.4 – Estudantes, por mudança de curso durante o ensino secundário e natureza do estabelecimento de ensino

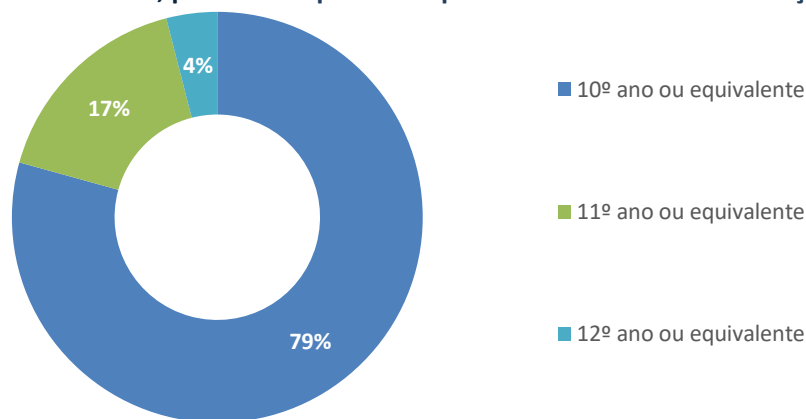


Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

4.2 Caracterização da mudança

Quais foram os cursos onde ocorreram mais mudanças? Em que oferta de educação e formação estavam antes de mudarem? Qual o ano do ensino secundário em que ocorreu essa mudança? A maioria destes alunos apercebeu-se cedo de que não tinha escolhido o curso mais indicado para si e mudou de curso no 10.º ano (79%), 17% mudaram no 11.º ano e um valor residual de alunos adiaram a mudança até ao 12.º ano (figura 4.2.1).

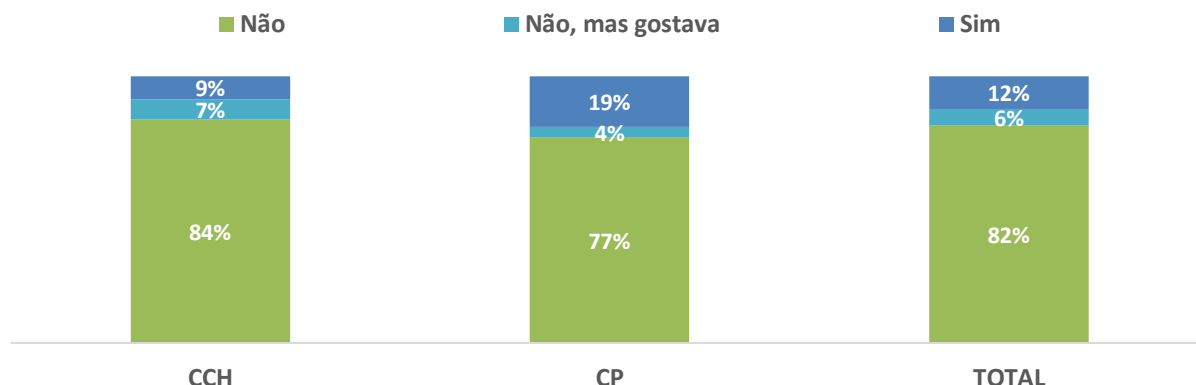
Figura 4.2.1 – Estudantes dos CCH e CP, por ano frequentado quando foi efetuada a mudança



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Dos alunos que frequentavam à data da inquirição um curso profissional, 19% mudaram de curso no decorrer do ensino secundário. Esta proporção diminuiu para 9% no caso dos alunos que se encontravam inscritos nos cursos científico-humanísticos, à mesma data. Por outro lado, uma proporção maior de alunos inscritos em cursos científico-humanísticos afirmou que gostaria de ter mudado de curso, mas acabou por não o fazer (7%) (figura 4.2.2).

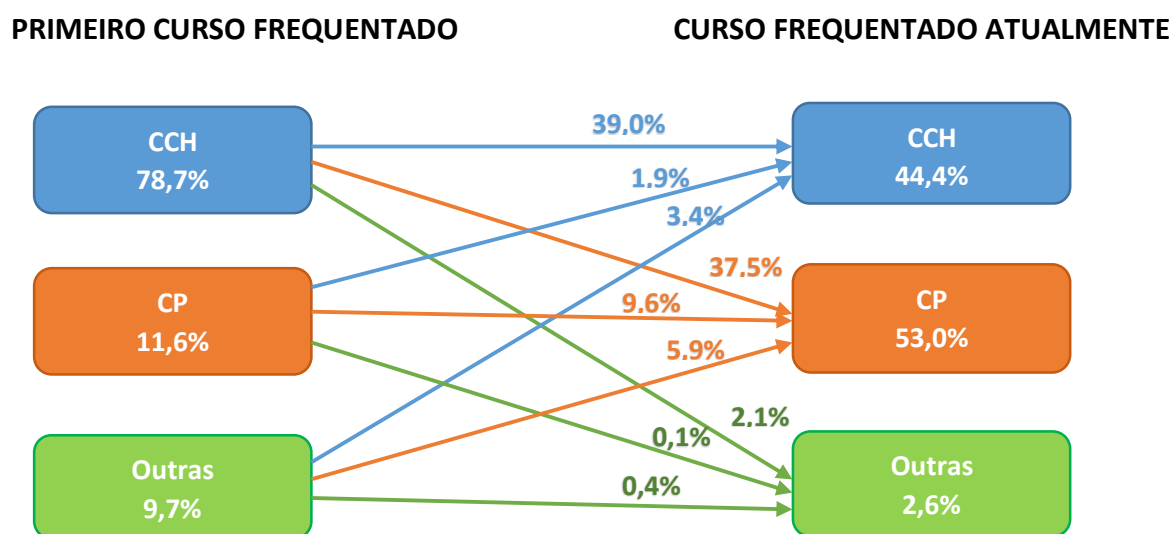
Figura 4.2.2 – Estudantes dos CCH e CP, por mudança ou desejo de mudança de curso no ensino secundário



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

A maioria dos alunos que mudaram de curso encontrava-se anteriormente a frequentar um curso dos cursos científico-humanísticos (79%), seguindo-se 12% dos cursos profissionais e 10% inseridos em outras modalidades de educação e formação. Para cerca de 50% dos alunos esta mudança deu-se ao nível do curso frequentado, mantendo-se na mesma via de ensino. Ou seja, 39% mudou de um curso científico-humanístico mudou para outro, 10% transitaram entre cursos profissionais e 0,4% entre outras ofertas de educação e formação. A mudança simultânea de curso e via de ensino foi maior para os estudantes que frequentavam um curso dos cursos científico-humanísticos e passaram a frequentar um curso profissional (38%).

Figura 4.2.3 – Estudantes que mudaram de curso, por oferta de educação e formação anterior e oferta de educação e formação atual (%)



Nota: Outras modalidades inclui: EAE, CEF – Cursos de educação e formação, CT, CA – Cursos de aprendizagem e CV – cursos vocacionais)

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Desagregando por grande grupo de área de educação, podemos ver que os alunos que estavam nos cursos profissionalmente qualificantes (CPQ), mudaram principalmente para cursos dentro da mesma área de educação e principalmente para cursos ligados a serviços, por exemplo, os estudantes que frequentavam um curso na área das ciências, matemática e informática, artes e humanidades, agricultura e saúde e proteção social, mudaram principalmente para os serviços (31%, 24%, 22%, respetivamente) (quadro 4.2.1).

Relativamente aos alunos que estavam em cursos científico-humanísticos, constata-se que há mudança não só de área de educação, como também de oferta de educação e formação. Os estudantes que frequentavam os cursos de Ciências e Tecnologias (CT) e Artes Visuais (AV), foram os que mais mudaram dentro da mesma oferta de educação e formação e foram principalmente para o curso de ciências socioeconómicas (36% e 43%, respetivamente). Por outro lado, os alunos dos cursos de Línguas e Humanidades (LH) e Ciências Socioeconómicas (CSE), mudaram principalmente para outra área de educação e formação, os primeiros foram principalmente para cursos profissionalizantes de artes e humanidades (34%) e os segundos para a área dos serviços (32%).

Quadro 4.2.1 – Estudantes por área de educação atual e área de educação anterior à mudança (%)

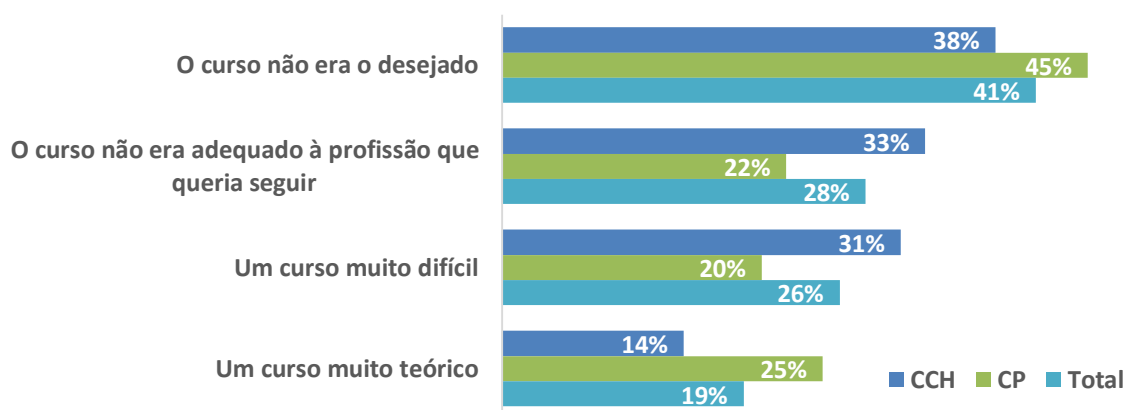
ÁREA DE EDUCAÇÃO ANTERIOR		ÁREA DE EDUCAÇÃO ATUAL										
		CCH				CP						
		CT	AV	CSE	LH	AH	CSCD	CMI	EITC	A	SPS	S
CCH	Ciências e tecnologia (CT)	1	15	36	8	5	4	11	6	1	5	8
	Artes visuais (AV)	7	2	43	4	5	15	6	4	0	3	11
	Ciências socioeconómicas (CSE)	5	3	3	6	13	14	5	6	2	12	32
	Línguas e humanidades (LH)	11	4	16	2	34	7	5	4	0	3	15
CPQ	Educação	0	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Artes e humanidades (AH)	5	2	9	5	23	8	4	6	1	13	24
	Ciências sociais, comércio e direito (CSCD)	2	3	8	3	12	30	6	3	2	9	21
	Ciências, matemática e Informática (CMI)	6	5	7	1	13	5	12	14	0	5	31
	Engenharia, indústrias transformadoras e construção	3	2	5	3	10	7	20	21	1	11	16
	Agricultura (A)	0	0	0	0	33	0	0	7	30	7	22
	Saúde e proteção social (SPS)	9	2	5	2	9	15	0	6	6	24	22
	Serviços (S)	4	1	15	2	11	9	7	3	1	8	38

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

4.3. As razões da mudança

O principal motivo indicado pelos alunos para a mudança de curso foi “não ser o curso que desejavam” (41%), com maior expressão nos estudantes dos cursos profissionais. Para os estudantes inscritos em cursos científico-humanísticos, as razões mais importantes foram: terem achado que o curso não estava adequado à profissão que queriam seguir (33%) e terem considerado o curso difícil (31%). Por outro lado, a razão com maior peso para os estudantes dos cursos profissionais foi o curso ser muito teórico (25%) (figura 4.3.1).

Figura 4.3.1 – Estudantes por principais motivos para a mudança de curso

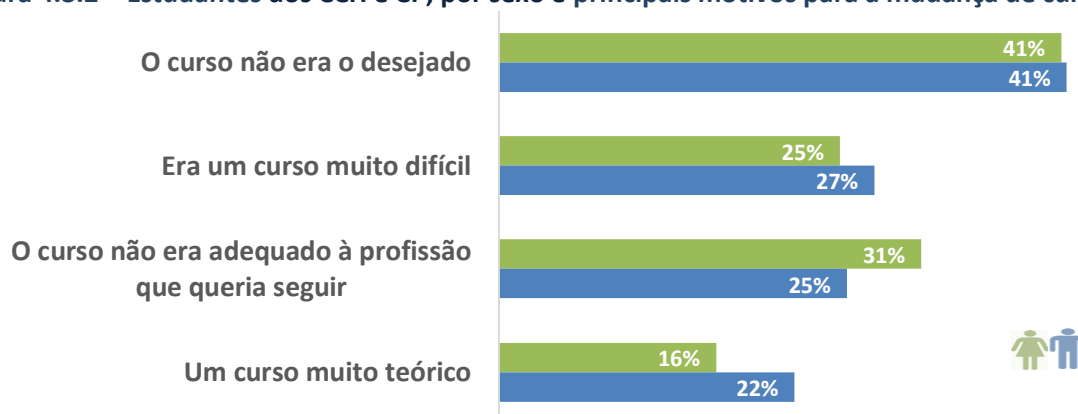


Nota: Pergunta de escolha múltipla.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Por sexo, as raparigas deram mais relevo ao facto do curso não se mostrar adequado à profissão que querem exercer no futuro (31% face a 25% dos rapazes). Já entre os rapazes, o facto de o curso ser muito teórico (22% dos rapazes face a 16% das raparigas) e difícil (27% face a 25% das raparigas) foram as razões mais apontadas (figura 4.3.2).

Figura 4.3.2 – Estudantes dos CCH e CP, por sexo e principais motivos para a mudança de curso

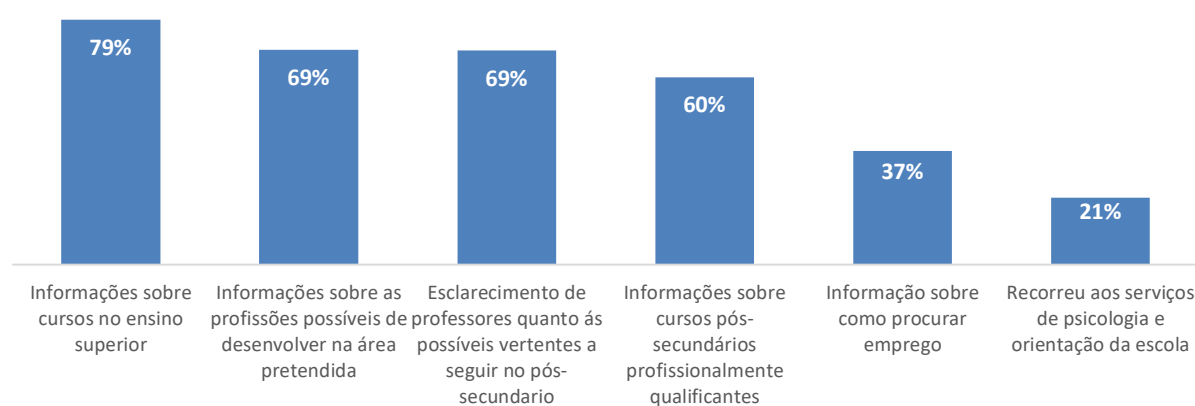


Nota: Pergunta de escolha múltipla.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

Mais de dois quintos dos estudantes que mudaram de curso, indicaram como principal motivo o facto do curso não ser o que desejavam. O número é expressivo, por isso é importante tentar perceber o que aconteceu na escolha do curso. Do grupo de alunos que mudou de curso, apenas 21% recorreu aos serviços de psicologia e orientação da escola (figura 4.3.3). Por outro lado, recorreram à ajuda/apoio da escola para obter informações sobre cursos no ensino superior (79%), sobre profissões possíveis de se desenvolverem na área (69%), tiveram apoio/esclarecimento de professores quanto a possíveis vertentes a seguir, após conclusão do ensino secundário (69%), e sobre cursos no pós-secundário profissionalmente qualificantes (60%).

Figura 4.3.3 – Estudantes que mudaram de curso durante o secundário por apoio da escola no esclarecimento sobre formação pós-secundária existente (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

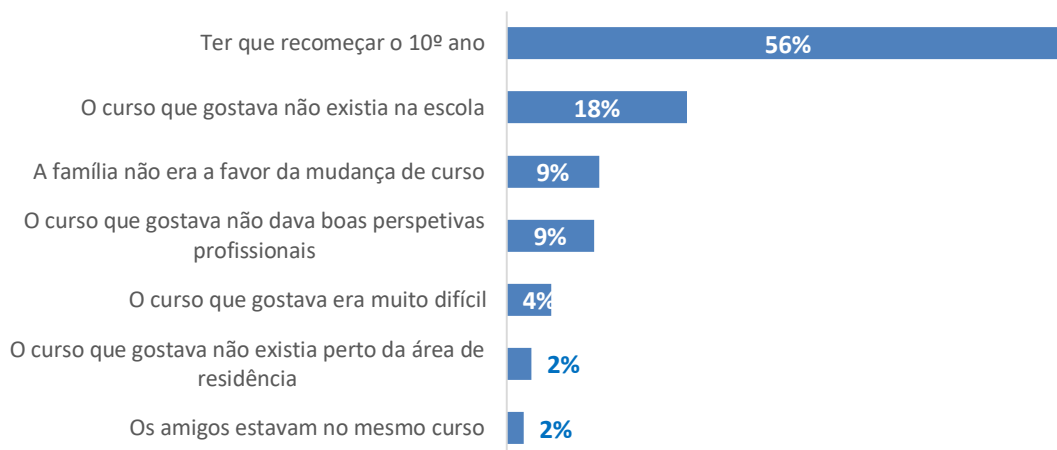
4.4 Implicações da mudança

Conhecidos os motivos que motivaram a mudança, vamos falar das principais implicações, a possibilidade de repetição de ano, o grau de satisfação com o curso atual e outras eventuais mudanças implicadas, nomeadamente a potencial mudança de escola.

Dos estudantes que desejavam mudar de curso, 56% não o fizeram por receio de repetir o 10.º ano. Perguntámos aos alunos, que não mudaram de curso, apesar de o desejarem (6%), qual a principal razão para não o terem feito. A razão mais destacada foi “terem de recomeçar o 10.º ano” (56%), ou seja, a repetição de um ou mais anos letivos e o conseqüente atraso no percurso escolar (figura 4.4.1).

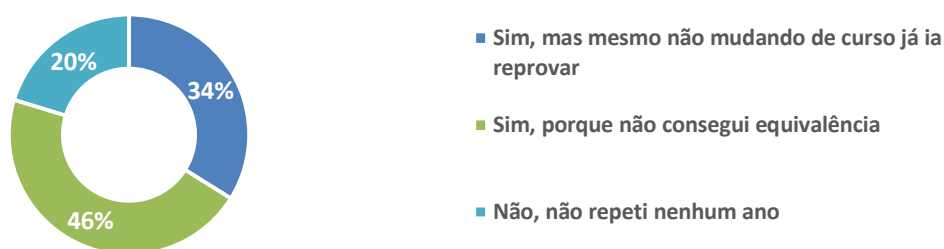
Efetivamente para 80% dos estudantes que mudaram de curso, essa mudança fez com que tivessem de repetir o ano letivo em causa, 46% não conseguiram equivalências às disciplinas e 34% porque iam reprovar de qualquer forma (figura 4.4.2).

Figura 4.4.1 – Estudantes, por principal razão para não mudar de curso



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2018/2019.

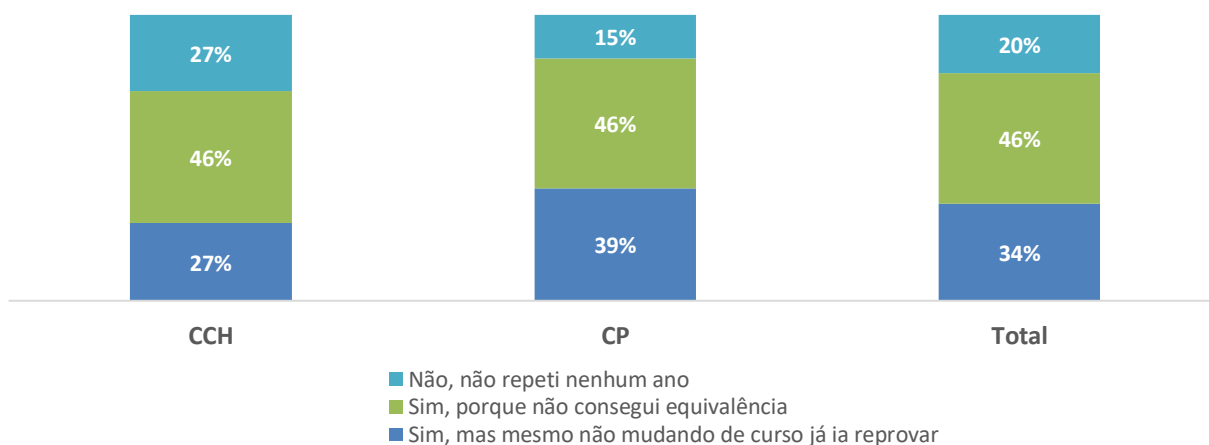
Figura 4.4.2 – Estudantes, por mudança de curso e repetição de ano letivo



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Para 20% dos alunos, a mudança de curso não implicou repetição do ano letivo, uma realidade mais frequente entre os alunos a frequentar um cursos científico-humanísticos. Dos 80% que reprovaram de ano devido à mudança de curso, cerca de um terço afirmou que teria reprovado de qualquer forma, proporção maior nos alunos dos cursos profissionais (uma parte deles provenientes dos cursos científico-humanísticos, recorde-se) (figura 4.4.3).

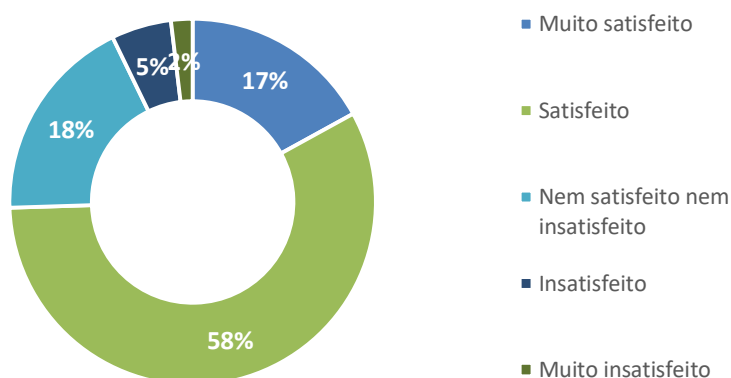
Figura 4.4.3 – Estudantes dos CCH e CP que mudaram de curso, por repetição de ano letivo



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Quando falamos de implicações na mudança de curso, temos de falar necessariamente do grau de satisfação dos estudantes. Observámos que no global, o grau de satisfação dos estudantes era bastante elevado (75% estava satisfeito ou muito satisfeito) (figura 4.4.4).

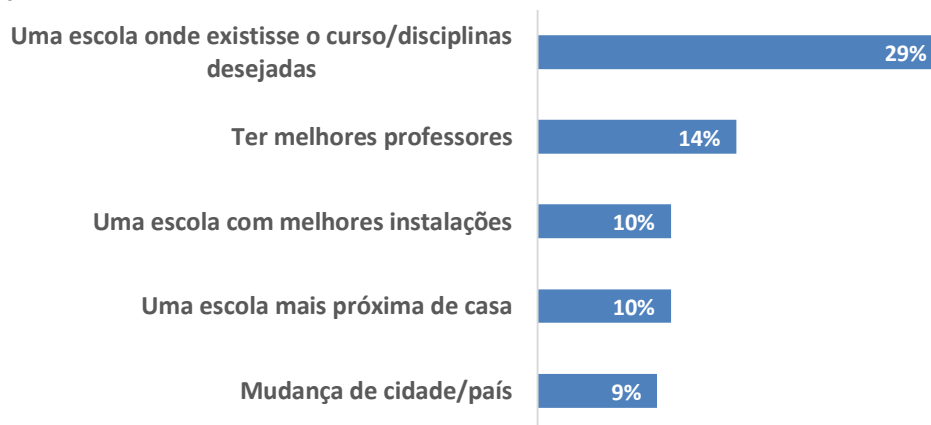
Figura 4.4.4 – Estudantes, por grau de satisfação em relação ao curso atual



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

13% dos alunos mudaram de escola pelo menos uma vez, durante o ensino secundário, e 7% não mudou, mas gostava de ter mudado. Por vezes, mudar de curso pode também implicar uma mudança de escola, sendo isso que aconteceu a 43% dos alunos que mudaram de curso. Logo, sem surpresa, o principal motivo referido para a mudança de escola foi a vontade de frequentar o curso que desejavam (29%). O desejo de ter melhores professores (14%) e a procura de uma escola com melhores instalações (10%) ou mais próxima de casa (10%) foram as restantes razões mais apontadas (figura 4.4.5).

Figura 4.4.5 – Estudantes dos CCH e CP, por principais razões para mudar ou terem desejado mudar de escola

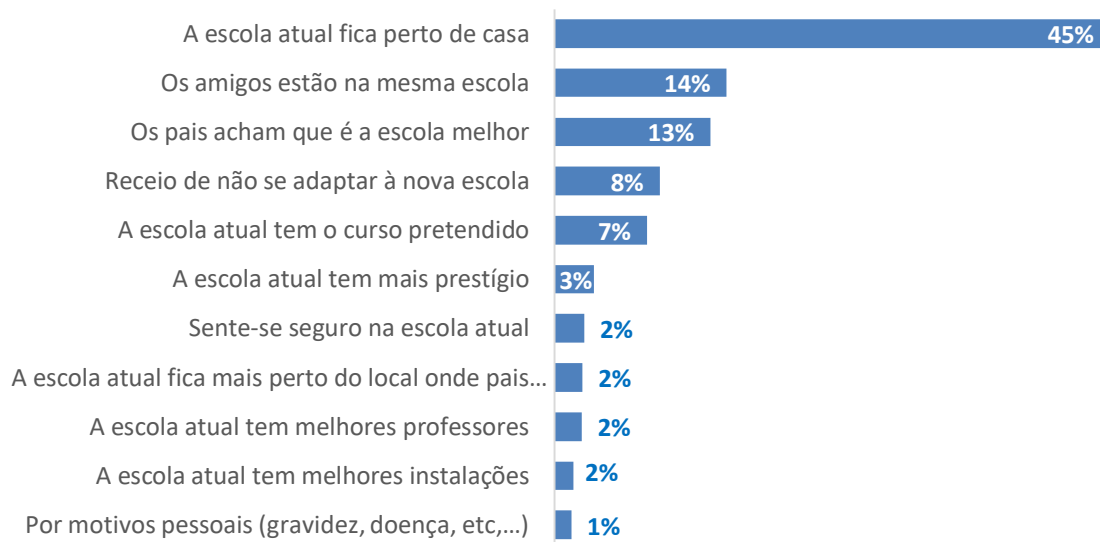


Nota: Pergunta de escolha múltipla.

Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

A principal razão para não terem mudado de escola, mesmo quando gostassem de o fazer, é a localização, nomeadamente a proximidade de casa (45%), seguida de uma grande diversidade de motivos em proporção pouco elevada (figura 4.4.6).

Figura 4.4.6 – Estudantes dos CCH e CP, por principais razões para não ter mudado de escola, apesar de o desejarem



Fonte: DGEEC, OTES: Estudantes à Saída do Secundário 2017/2018.

Os estudantes que mudaram de escola frequentavam, principalmente, escolas públicas (84% face a 16% dos alunos das escolas privadas) e uma proporção elevada tinha idade igual ou superior a 20 anos (30%).

Anexos

Para enquadrar a análise apresentada no estudo, descreve-se abaixo, sumariamente, as ofertas de educação e formação do ensino secundário e pós-secundário abrangidas nos questionários do OTES.

Tabela 1 – Caracterização das várias ofertas de educação e formação com equivalência ao ensino secundário abrangidas no OTES

Cursos	Descrição	Destinatários	Duração
Científico-Humanísticos (CCH)	Oferta educativa vocacionada para o prosseguimento de estudos de nível superior, de caráter universitário ou politécnico. Conferem um diploma de conclusão do ensino secundário.	Jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente	
Ensino Artísticos Especializado (EAE)	Formação nas áreas da dança, da música e das artes visuais e dos audiovisuais. Estes cursos estão orientados na dupla perspetiva do prosseguimento de estudos em cursos de especialização tecnológica ou de ensino superior e da inserção no mundo do trabalho. Nestes cursos a avaliação assume modalidades diferentes em função da vertente artística de formação, conferindo um diploma de conclusão do nível secundário de educação, e um certificado de qualificação profissional de nível 4.	Jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente	Curso do ensino secundário com a duração de três anos letivos (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade).
Cursos Profissionais (CP)	Os Cursos Profissionais (1) contribuem para que se desenvolvam competências pessoais e profissionais para o exercício de uma profissão; (2) privilegiam as ofertas formativas que correspondem às necessidades de trabalho locais e regionais; (3) preparam para aceder a formações pós-secundárias ou ao ensino superior. A conclusão, com aproveitamento, confere um diploma de nível secundário de educação e um certificado de qualificação profissional de nível 4.	Jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente	Três anos do ciclo de formação modular, a gerir pela escola.
Cursos Tecnológicos (CT)	São cursos profissionalmente qualificantes, orientados na dupla perspetiva da inserção no mundo do trabalho e do prosseguimento de estudos para os cursos pós-secundários de especialização tecnológica e para o ensino superior. Conferem um diploma de conclusão do ensino secundário e um certificado de qualificação profissional de nível 4.	Jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente	Curso do ensino secundário com a duração de três anos letivos (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade).

Tabela 2 – Caracterização das várias ofertas de educação e formação pós-secundária, abrangidas no OTES

	Cursos	Descrição
Ensino superior (Universitário ou Politécnico)	Licenciatura	Nível de ensino que compreende o ensino universitário e politécnico, aos quais têm acesso indivíduos habilitados com um curso secundário ou equivalente e indivíduos maiores de 23 anos que, não possuindo a referida habilitação, revelem qualificação para a sua frequência através de prestação de provas.
	Curso técnico superior profissional (TeSP)	Destinam-se a: jovens com o 12.º ano ou equivalente; alunos que tenham sido aprovados nas provas destinadas a avaliar a capacidade para a frequência do ensino superior dos maiores de 23 anos, realizadas para o curso em causa; alunos que tendo obtido aprovação em todas as disciplinas dos 10.º e 11.º anos de um curso de ensino secundário ou equivalente que sejam considerados aptos através de prova de avaliação de capacidade; e os titulares de um diploma de especialização tecnológica, de um diploma de técnico superior profissional ou de um grau de ensino superior, que pretendam a sua requalificação profissional. Estes cursos têm 120 créditos, a duração de quatro semestres letivos e diploma de conclusão do ensino secundário e qualificação profissional de nível 5.
Ensino Pós-Secundário não superior	Curso de Especialização Tecnológica (CET)	Formações pós-secundárias não superiores que preparam para uma especialização científica ou tecnológica numa determinada área de formação. A organização do curso tem componentes de formação em contexto escolar e em contexto de trabalho e uma qualificação profissional de nível 5.
	Curso de Educação e Formação (CEF – tipo 7)	São percursos flexíveis e ajustados aos interesses de cada aluno, constituindo-se como uma oportunidade de prosseguimento de estudos ou formação que permita uma entrada qualificada no mundo do trabalho. A conclusão de um CEF de tipo 7, com total aproveitamento, confere uma certificação profissional de nível 4. Destinam-se a jovens titulares do 12º ano de um curso científico-humanístico ou equivalente do nível secundário de educação que pertença à mesma ou a área de formação afim. Têm um percurso com a duração de 1 ano.